

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS - CCHS
ESCOLA DE BIBLIOTECONOMIA - EB

Cíntia Silva Bonfim

Bibliófilos além das coleções: as contribuições de Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens
Borba de Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil

Rio de Janeiro

2016

Cíntia Silva Bonfim

Bibliófilos além das coleções: as contribuições de Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Orientadora: Prof^a. Ma. Stefanie Cavalcanti Freire

Rio de Janeiro

2016

B713 Bonfim, Cíntia Silva.

Bibliófilos além das coleções: as contribuições de Doyle, Mindlin e Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil / Cíntia Silva Bonfim. – 2016.

52 f.

Orientadora: Stefanie Cavalcanti Freire.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

1. Bibliofilia. 2. Bibliófilo. I. Freire, Stefanie Cavalcanti. II. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. III. Título.

CDD 002.75

CÍNTIA SILVA BONFIM

Bibliófilos além das coleções: as contribuições de Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Biblioteconomia.

Rio de Janeiro, _____ de _____ de 2016.

Banca examinadora:

PROF. MA. STEFANIE CAVALCANTI FREIRE (orientadora)
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PROF. DR. EDUARDO DA SILVA ALENTEJO
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

PROF. ME. FABIANO CATALDO DE AZEVEDO
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família, por todo apoio que recebi ao longo da vida. Meus pais, Denilson e Marilene, sempre ao meu lado, apoiando e respeitando minhas decisões. Meus irmãos, Denis e Douglas, pelo companheirismo.

Ao Victor, por todo apoio que recebi, especialmente no último ano de graduação, quando o estresse e a falta de tempo se tornaram uma constante em nossas vidas. Obrigada pela paciência e por ler meu trabalho, mesmo sem ter muita noção do tema.

Aos colegas de faculdade e aos meus amigos, em especial Dayane, Talita e Thaiane, pela força e apoio que recebo desde a época do Ensino Fundamental.

A todos que conheci durante os estágios realizados. Aos bibliotecários e técnicos da Biblioteca do Tribunal de Justiça do Estado do Rio, principalmente a Márcia Bernadete, minha primeira supervisora de estágio, e a Linda, auxiliar de biblioteca. Também gostaria de agradecer todos os funcionários da Divisão de Atendimento ao Usuário da Biblioteca Central da Unirio, principalmente a Taís Basto, supervisora durante os 4 meses de estágio supervisionado.

Um agradecimento especial para todos que conheci no IBGE. Aos estagiários, colegas de trabalho e a minha supervisora, Luciana Lau, por toda a paciência, pelas dicas e por todo o apoio que recebi durante a elaboração desse trabalho. A Brisa, uma amiga querida que ganhei no IBGE. Obrigada por ler e ajudar na revisão desse trabalho, ouvir minhas lamentações e inseguranças, e por sempre acreditar no meu potencial; a Raquel, pelas conversas e boas indicações de filmes e séries; e Raysa, por suportar minhas crises de ansiedade no Whatsapp.

Agradeço também aos professores que conheci durante a graduação e principalmente a minha orientadora, Stefanie Freire, por me auxiliar durante a elaboração desse trabalho e por torná-lo possível.

Obrigada a todos que passaram pela minha vida durante esses 5 anos de graduação e que, de alguma forma, colaboraram para que eu chegasse até aqui.

“Um livro aberto é um cérebro que fala; fechado, um amigo que espera;
esquecido, uma alma que perdoa; destruído, um coração que chora”

Provérbio hindu

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar as contribuições dos bibliófilos Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil. A partir de revisão de literatura, busca destacar a importância de diversas iniciativas dos três bibliófilos para a preservação e o desenvolvimento de bibliotecas, instituições ligadas à cultura e para a literatura nacional. Conclui que as ações de Doyle, Mindlin e Moraes foram significativas para o desenvolvimento de diversas áreas relacionadas à cultura.

Palavras-chave: Bibliofilia. Bibliófilo. Plínio Doyle. José Mindlin. Rubens Borba de Moraes.

ABSTRACT

This study aims to present the contributions of bibliophiles Plínio Doyle, José Mindlin and Rubens Borba de Moraes for cultural development in Brazil. From a literature review, it seeks to highlight the importance of several initiatives of the three bibliophiles for the preservation and development of libraries, institutions linked to culture and to national literature. Concludes that the actions of Doyle, Mindlin and Moraes were significant for the development of areas related to culture.

Keywords: Bibliofilia. Bibliófilo. Plínio Doyle. José Mindlin. Rubens Borba de Moraes.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Objetivo geral.....	10
1.2 Objetivos específicos.....	10
1.3 Justificativa	10
1.4 Metodologia.....	11
2 BIBLIOFILIA	12
2.1 Bibliofilia x Coleccionismo	12
2.2 Breve histórico da bibliofilia	14
3 O BIBLIÓFILO	19
3.1 O primeiro bibliófilo.....	20
3.2 Por que bibliófilos colecionam?.....	22
3.3 O que bibliófilos colecionam?	25
3.3.1 <i>Características que tornam o livro colecionável</i>	27
4 AS CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL NO BRASIL	31
4.1 Dados biográficos de Plínio Doyle (1906-2000)	31
4.2 Dados biográficos de José Mindlin (1914-2010)	31
4.3 Dados biográficos de Rubens Borba de Moraes (1899-1986)	32
4.4 Breves considerações sobre as coleções formadas por Doyle, Mindlin e Moraes.....	34
4.5 Contribuições durante a gestão de bibliotecas, instituições e órgãos ligados à cultura.....	35
4.6 Participação na literatura brasileira.....	39
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
REFERÊNCIAS	47

1 INTRODUÇÃO

A bibliofilia, caracterizada pelo “amor aos livros” (MINDLIN, 2009, p. 47), é uma atividade praticada desde a Antiguidade e possui um papel fundamental na preservação e conservação de documentos de grande importância histórica para a nossa sociedade. O Bibliófilo, como é denominado o praticante da bibliofilia, dedica boa parte de sua vida a formação e manutenção da coleção constituída por ele ao longo de vários anos, cuidando com zelo e carinho, tornando-se peça fundamental na preservação de diversas obras.

No Brasil, grande parte dos estudos relativos à bibliofilia trazem uma análise das coleções de bibliófilos, enfatizando sua importância para a preservação de obras raras. No entanto, ao praticar outras atividades, alguns bibliófilos ganharam notoriedade por suas iniciativas de valor cultural. Dentre esses bibliófilos, três se destacaram ao longo do século XX: Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes.

Plínio Doyle nasceu no Rio de Janeiro no ano de 1906 e formou-se em Direito. Atuou em diversas áreas e foi advogado da editora de José Olympio durante mais de 20 anos. Exerceu diversas funções relacionadas à literatura e as bibliotecas, como a direção da Biblioteca Nacional e o Sabadoyle. Reuniu diversos documentos e obras de grande importância para a literatura brasileira.

Assim como Doyle, José Mindlin formou-se advogado. Nasceu em 1914, na cidade de São Paulo. Antes de tornar-se advogado, trabalhou como jornalista no Jornal O Estado de S. Paulo. Trabalhou como advogado até tornar-se empresário, em 1950, quando colaborou na fundação da empresa Metal Leve S.A., onde tornou-se sócio e atuou como presidente. Além de advogado e empresário, envolveu-se na política ao ser nomeado Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo em 1975. Sua coleção Brasileira¹ é considerada a mais importante do gênero, formada por particulares.

Rubens Borba de Moraes, assim como Doyle e Mindlin, dirigiu a Biblioteca Nacional e desempenhou atividades políticas. Nasceu em Araraquara, São Paulo, em 1899. Deixou o país ainda na infância para estudar em Paris e, posteriormente, Genebra, onde formou-se em Letras pela Universidade de Genebra. Retornou ao Brasil em 1919 e foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922, apesar de não ter

¹ De acordo com Moraes (2005, p. 176), pertencem à Brasileira os livros sobre o Brasil impressos entre os séculos XVI e XIX e os livros de autores brasileiros, impressos fora do Brasil, até 1808.

comparecido por problemas de saúde. Moraes foi professor, bibliotecário e bibliógrafo. Colecionou obras da Brasileira, além de autores brasileiros e primeiras impressões feitas no Brasil.

1.1 Objetivo geral

O presente trabalho tem como objetivo geral a análise das contribuições dos bibliófilos Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil, ressaltando a importância dessas contribuições para as bibliotecas, instituições ligadas à cultura e para a literatura nacional.

1.2 Objetivos específicos

Foram estabelecidos como objetivos específicos uma análise das definições e características da bibliofilia e do bibliófilo; identificação e descrição da trajetória de Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes; analisar as principais iniciativas dos três bibliófilos enquanto gestores de diversas instituições e sua participação na cena literária brasileira.

1.3 Justificativa

Ao iniciar a revisão de literatura para a elaboração deste estudo, as primeiras obras analisadas foram *O bibliófilo aprendiz*, de Rubens Borba de Moraes, *Uma vida entre livros* e *No mundo dos livros*, de José Mindlin e *Uma vida*, de Plínio Doyle, onde foi observada uma grande preocupação de bibliófilos com a literatura e a cultura. A partir de então, foram analisadas diversas ações que visavam não só a preservação do livro, mas também a preservação e o desenvolvimento da literatura e da cultura no Brasil. Essas ações induziram uma pesquisa focada nas funções exercidas por Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes, com o intuito de apresentar um outro olhar sobre o bibliófilo, onde a coleção se torna coadjuvante mediante a relevância de Doyle, Mindlin e Moraes para o desenvolvimento cultural no Brasil.

1.4 Metodologia

A elaboração do trabalho foi realizada através de uma revisão de literatura voltada para o colecionismo, bibliofilia, bibliófilo e coleções particulares. A partir da revisão de literatura, serão apresentadas as principais iniciativas de Doyle, Mindlin e Moraes para a literatura e para cultura, destacando sua importância para o desenvolvimento cultural no Brasil. Com esse propósito, no capítulo *Bibliofilia*, serão abordados os conceitos de bibliofilia e colecionismo, além de um breve histórico. A seguir, em *Bibliófilo*, serão tratadas questões relativas ao bibliófilo, como a razão do seu colecionismo e o que colecionam. Por fim, em *Contribuições para o desenvolvimento Cultural no Brasil*, serão apontadas as principais contribuições de Doyle, Mindlin e Moraes, além da formação de valiosas coleções, divididas em gestão de bibliotecas, instituições e órgãos ligados à cultura e a participação dos três intelectuais na cena literária brasileira do século XX.

2 BIBLIOFILIA

A palavra *Bibliofilia* tem sua origem no idioma grego, onde *Biblion* significa livro e *Philia*, amor, o que nos leva a definir a bibliofilia como o “amor aos livros”. Para Mindlin (2009, p. 47), bibliofilia “significa nada mais, nada menos que amor aos livros, que pode ter níveis diferentes de absorção e envolvimento”. Bibliofilia foi a primeira palavra a incorporar o sufixo *-filia*, que, quando utilizado com objetos, está “invariavelmente ligado ao colecionismo” (REIFSCHNEIDER, 2011, p. 70).

O termo bibliofilia foi mencionado pela primeira vez por volta de 1344 pelo monge beneditino inglês Richard de Bury (1287-1345), em uma obra que ficou mundialmente conhecida como *Philobiblion*.

De acordo com o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, bibliofilia é “gosto, paixão pelos livros raros e preciosos” e a “Arte e ciência do Bibliófilo” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46). Já no *Dicionário do livro*, a bibliofilia é definida como a “paixão pelos livros, sobretudo caros e que contêm alguma particularidade especial” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 95).

2.1 Bibliofilia x Colecionismo

A bibliofilia tem sua origem no colecionismo, atividade exercida pelo homem desde a pré-história. A palavra colecionar deriva do latim *collectio* e possui em sua base a raiz *leg*, que é uma das poucas que conhecemos que possui sentidos ordenadores, derivada do proto-indo-europeu, há mais de 4 mil anos. No grego clássico, “em seu grau ‘o’ produz o morfema *log*, próximo, em seu grau ‘e’, de *leg*, ambos carregados de derivados. O núcleo semântico do colecionismo é uma relação entre pôr ordem, raciocinar, (*logein*) e discursar (*legein*), onde o sentido de falar é derivado do de coletar: a razão se faz com o discurso” (MARSHALL, 2005, p. 15).

Colecionismo, de acordo com *Dicionário do livro*, é o “gosto e empenhamento em juntar objetos com características idênticas, com vista a formar coleções com eles” (FARIA; PERICÃO, 2008, p. 177). Lopes (2010, p. 382), define o colecionismo como o “hábito de juntar 'coisas' que possuem propriedades ou características comuns e que servem para conhecer o mundo”. Para Murguia (2009, p. 93), o colecionismo é um

[...] ato voluntário que leva à construção de uma coleção, nunca pensada em partes, mas como um todo inseparável. As coleções sempre começam de forma espontânea, e, nesse sentido, elas existem pela vontade do colecionador, embora muitas delas sejam construídas como forma de prestígio social.
[...] As coleções podem ser de diferentes tipos segundo a intenção do colecionador.

O colecionismo possui uma dimensão ordenadora e é um dos fundamentos culturais de mais profundo enraizamento de mais amplas consequências em toda a história humana, pois a partir da coleta de objetos nossos ancestrais aprenderam a diferenciar os recursos naturais e selecionar possibilidades essenciais para a sua sobrevivência. A finalidade de uma coleção está diretamente ligada ao período histórico em que se estabelece, pois as transformações sociais e culturais influenciam o objetivo de uma coleção, que compõem um “complexo sistema de funções e finalidades, com implicações cognitivas e culturais que jamais deixaram de acrescentar qualidades à espécie, em seu desenvolvimento cultural” (MARSHALL, 2005, p.14).

Estudos de coleções contribuem com várias áreas do conhecimento, pois oferecem diversas abordagens e interpretações. Esses estudos são importantes porque

[...] nos colocam perante a evidência do mundo da cultura material e de seus objetos. [...] o livro merece especial atenção pelas imbricações pessoais e culturais que apresenta sua posse, bem como pelas suas características essenciais de suporte e de informação” (MURGUIA, 2009, p. 87-88).

Colecionar livros é uma das muitas facetas do colecionismo e Blom (2003 apud PEDRÃO; MURGUIA, 2013) considera como a forma mais rica e mais ambígua de colecionar. Colecionadores tratam seus livros de formas diferentes, pois existem colecionadores que

[...] tratam livros simplesmente como objetos, e que os abrem apenas para conferir o lugar e a data da impressão, a edição, a qualidade do papel e o tipo de letra. Podem colecionar primeiras edições, ou todos os títulos publicados por um determinado editor ou escritos por determinado autor, ou livros impressos em Würzburg ou Oxford no século XVI, ou livros encadernados numa determinada gráfica de Paris, ou encadernados em marroquim, ou livros com encadernações expressionistas, ou livros azuis, livros pequenos, livros grandes, ou exemplares raros não cortados (BLOM, 2003, p. 229 apud PEDRÃO; MURGUIA, 2013).

Manguel (2006) acredita que a diferença entre pessoas que identificam o livro apenas um objeto de poder ou prestígio e as que possuem livros escolhidos e dotados de significado pessoal, está na experiência obtida através do livro, pois o leitor para quem o livro tem algum significado se apropria do livro por “obra do instinto, da emoção e do

entendimento”, sofre com ele e o traduz para sua própria experiência, tornando-se seu primeiro descobridor (MANGUEL, 2006, p. 181).

A diferença entre o colecionismo e a bibliofilia está no significado que o livro tem para o colecionador e a maneira com que esse colecionador trata as obras que compõem sua coleção. A bibliofilia está intimamente ligada ao colecionismo, no entanto, enquanto um colecionador de livros reúne livros, um bibliófilo, além de reunir, conhece e ama seus livros, cuidando com zelo e carinho. Conhecer um livro “não é tê-lo lido integralmente; é examinar sua folha de rosto, ler o prefácio ou o índice, a errata, se houver, o colofão, as orelhas” (DOYLE, 1999, p. 62).

Eco (2010, p. 50) afirma que

Os colecionadores querem tudo o que se pode recolher sobre um tema, e o que lhes interessa não é a natureza das peças isoladas, mas a completude da coleção. Tendem a acelerar os tempos. O Bibliófilo, ainda que trabalhe sobre um tema, espera que a coleção não se complete nunca, que sempre exista ainda alguma coisa a procurar. E às vezes pode se apaixonar por um belo livro que não tem nada a ver com seu tema.

Rubens Borba de Moraes, em sua obra *O bibliófilo aprendiz*, explica que o que torna a bibliofilia um “hobby apaixonante” é a procura do que lhe falta e o prazer de encontrar o exemplar desejado, sem importar o preço, pois comprar livros raros e caros está no alcance de qualquer pessoa com dinheiro no bolso. A diferença entre o bibliófilo e o mero comprador de livros está na “soma de conhecimentos, uma verdadeira erudição” que o colecionador precisa ter para formar uma coleção homogênea sobre um assunto ou autor, conhecer a vida do autor, saber quando, onde publicou seus livros (MORAES, 2005, p. 27).

2.2 Breve histórico da bibliofilia

O colecionismo é uma prática tão antiga quanto o registro da escrita e teve início ainda na pré-história, onde “o colecionismo do caçador-coletor pré-histórico implicava uma grande proficiência sensorial, certa argúcia taxonômica, enorme sentido do espaço e uma relação intensa entre desejo e necessidade, mediados pelo conhecimento” (MARSHALL, 2005, p. 14). Já a partir do ano 7.500 a.C, com as transformações do período, as práticas colecionistas sofreram uma mudança e passaram a significar “maior capacidade de acúmulo (de conhecimentos e riquezas), de aperfeiçoamento da linguagem e do desenvolvimento dos sistemas de codificação, transformações cujo apogeu foi o

surgimento da escrita, na Suméria, por volta de 3.150 a.C.” (MARSHALL, 2005, p. 15). De acordo com Bragança et al (2005), o colecionismo de livros teve início na Suméria, séculos antes do livro existir em seu suporte atual.

Na Antiguidade, as grandes coleções estavam ligadas aos senhores, reis e imperadores e a informação contida no objeto era mais importante que o objeto em si. O colecionismo remetia à ideia de posse e possuir objetos tornou-se uma manifestação de poder (ROCHA, 2015).

A relação entre poder e colecionismo, de acordo com Casanova (2010 apud ROCHA, 2015, p. 14), pode ser entendida como "o poder do saber", ou seja, quanto mais conhecimento, mais poder. Também existe a relação de "poder da riqueza" e do prestígio, onde possuir itens valiosos, tanto no campo material quanto imaterial, significam riqueza e, conseqüentemente, prestígio.

As bibliotecas da Antiguidade eram um ambiente de preservação dos conhecimentos gerados pela humanidade e pertenciam, em sua maioria, aos líderes de grandes civilizações. Localizavam-se em cidades que possuíam grande valor político e econômico para o império, pois

O domínio da memória escrita e a acumulação dos livros não deixam de ter significações políticas. Eles são signo e instrumento de poder. Poder espiritual da igreja. Poder temporal dos monarcas, dos príncipes, da aristocracia, da nação e da república. Poder econômico de quem dispõe dos recursos necessários para comprar livros, impressos ou manuscritos, em grande quantidade. Poder, enfim, intelectual e sobre os intelectuais, tanto é verdade que o domínio dos livros tem como corolário o direito de autorizar ou de proibir sua comunicação, ampliá-la ou restringi-la. (BARATIN, 2006, p. 14).

A afirmação do autor supracitado sugere que os livros são objetos de poder. Nesse contexto os livros, não importando seu uso, valor, se foi lido ou não, em muitas circunstâncias ainda são considerados objetos de prestígio. Volumes de memórias são escritos por quem quer ser visto como “poderoso” e “as bibliotecas ainda são fundadas por políticos que a ela emprestam seu nome e [...] querem ser lembrados como detentores de poder” (MANGUEL, 2006, p. 85)

Existiram muitos colecionadores na Antiguidade e um dos mais importantes foi último rei do império assírio, o rei Assurbanípal, que viveu no VII a.C. e é considerado o primeiro bibliófilo da história.

Até a fundação da biblioteca de Alexandria, as bibliotecas eram “coleções particulares das leituras de determinado homem ou armazéns governamentais em que se

preservavam documentos legais e literários para a consulta oficial” (FISCHER, 2006, p.27).

O impulso de instituir essas primeiras bibliotecas nasceu menos da curiosidade que da salvaguarda, e derivou da necessidade de consultas específicas, mais que do desejo de abrangência. A biblioteca de Alexandria revelou uma nova concepção, que superou todas as bibliotecas existentes em âmbito e ambição (FISCHER, 2006, p. 27).

A Biblioteca de Alexandria tratava-se de um centro de informações sistematizadas, onde o acesso passou a ser aceito como algo tão importante quanto os dados e ambos, em conjunto, eram considerados algo benéfico. Dessa forma, a Biblioteca de Alexandria transformou-se no “o principal centro de aprendizado do Mediterrâneo fundamentado na palavra escrita” e tornou-se um modelo para todas as bibliotecas que a sucederam (FISCHER, 2006, p. 27).

Durante a Idade Média, o perfil das bibliotecas não sofreu grandes modificações em relação às bibliotecas da Antiguidade, pois mantiveram as principais características das bibliotecas do período anterior. Assim como na Antiguidade, “as bibliotecas não estão à disposição dos profanos: são organismos mais ou menos sagrados, ou, pelo menos, religiosos, a que têm acesso apenas os que fazem parte de uma certa ‘ordem’, de um ‘corpo’ igualmente religioso ou sagrado” (MARTINS, 1996, p.71).

As bibliotecas medievais eram “prolongamentos das bibliotecas antigas, tanto na composição, quanto na organização, na natureza, no funcionamento” e não constituíam um novo tipo de biblioteca, mas sim um mesmo tipo de biblioteca que sofreu modificações insignificantes “decorrentes de pequenas divergências de organização social” (MARTINS, 1996, p. 71).

Os livros eram manuscritos e a produção era exclusivamente monástica, sendo incumbência dos monges copistas, que dedicavam horas de seu dia ao trabalho para a cópia das obras. De acordo com Silva (2011), a relação entre os monges e os livros foi a responsável pelo crescimento do apreço aos livros dentro dos mosteiros, que eram muito cobiçados e considerados um de seus maiores patrimônios.

Os mosteiros e as abadias foram responsáveis pela preservação e reprodução de várias obras da Antiguidade, materializando e recuperando o “saber antigo”, porém esse saber não estava acessível a todos, uma vez que, de acordo com Milanesi (1986 p. 20 apud FONSECA, 2010, p. 33),

As abadias foram o repositório literário que servia a uma parte do segmento letrado. Mas não só os religiosos retinham e preservavam os manuscritos; os

reis e outras personalidades de destaque começavam progressivamente a formar as suas coleções particulares. A obra literária era cara e só os mosteiros (que a produziam) e os homens que detinham o poder davam-se ao luxo de possuir um livro. Nesse período, uma coleção média de manuscritos tinha em torno de duzentos, trezentos volumes

Assim como as bibliotecas monásticas, as bibliotecas particulares de homens ricos também possuíam acervos de obras literárias, sendo consideradas verdadeiros tesouros por seus mantenedores, visto que

Representavam uma forma de entesouramento, um capital tanto intelectual quanto financeiro que se pretendia legar aos seus herdeiros, se eles empreendessem seus próprios estudos, fosse num colégio, fosse em alguma igreja (VERGER, 1999, p.18 apud FONSECA, 2010, p. 25).

De acordo com Frieiro (2010), o Cristianismo foi o responsável pela destruição de bibliotecas pagãs e por essa razão os mosteiros passaram a abrigar os livros. A bibliofilia desapareceu durante vários séculos, só reaparecendo na Renascença, com a difusão do papel e a quase extinção dos livros em pergaminho.

Enquanto bibliotecas consideradas pagãs eram destruídas na Europa Cristã, provocando uma grande diminuição da prática da bibliofilia, os muçulmanos estimulavam o desenvolvimento das letras, com “ministros e particulares abastados abrindo seus cofres à cultura [...] financiando missões encarregadas de coletar livros em suas coleções” (OLIVEIRA, 1987, p. 217). Os Califas, como eram chamados os soberanos durante o período de expansão do Império Árabe, davam suporte a tudo que se referia ao livro, patrocinando a criação e a manutenção de bibliotecas grandes o suficiente a ponto de se equipararem a Biblioteca de Alexandria, que foi a maior biblioteca da Antiguidade.

Na Espanha muçulmana existiam grandes bibliotecas e em Córdoba, existiam algumas bibliotecas particulares. A bibliofilia era muito generalizada e também era praticada por mulheres. Era função das mulheres da classe inferior copiar o Alcorão e livros de orações (FRIEIRO, 1980). Os islâmicos cultuavam todo texto escrito, divino ou profano e esse culto explica o número elevado de bibliófilos presentes nas páginas de artes muçulmanas (OLIVEIRA, 1987).

O predomínio monástico na Europa durou até a fundação das Universidades, que teve por consequência o deslocamento da vida intelectual dos mosteiros para as Universidades, o que demandava um ativo comércio de livros para suprir as necessidades de estudiosos, professores e alunos (MARTINS, 1996).

No final da Idade Média, o bispo inglês e bibliófilo Richard de Bury (1287-1345) escreveu um tratado sobre bibliofilia intitulado *Philobiblion*, onde o termo bibliofilia apareceu pela primeira vez. Outro importante bibliófilo do período foi o italiano Francesco Petrarca (1304-1374), conhecido como o “pai do humanismo” e “pai da bibliofilia moderna”. Petrarca tornou-se um apaixonado bibliófilo ainda em sua juventude, comprando ou copiando as obras que estavam ao seu alcance. Durante viagens, Petrarca fez grandes descobertas, como textos até então desconhecidos.

Com o advento da imprensa de Gutenberg, houve um aumento na produção literária e com esse aumento da produção e circulação de livros, a prática da bibliofilia ganhou força. De acordo com Silva (2011), entre 1455 e 1500 foram impressos aproximadamente 26.000 títulos e com a popularização do livro e da bibliofilia, surgiram coleções individuais que cresciam conforme a expansão da produção bibliográfica.

Na época de Aldo Manúcio (1449-1515) as encadernações de luxo ganharam popularidade, tornando-se a marca distintiva dos verdadeiros bibliófilos (FRIEIRO, 1980). Grolier de Servières (1479-1565) tornou-se um famoso colecionador de livros e, de acordo com Frieiro (1980), é considerado o primeiro bibliófilo na acepção moderna do termo.

O auge da bibliofilia foi durante o século XIX. Na França, Inglaterra, Alemanha e em outros países, cresceu a paixão pela coleção de volumes impressos no passado (FRIEIRO, 1980). Com a explosão informacional e o alto número de publicações, a partir do início do século XXI, a bibliofilia passou a exigir dos colecionadores a definição de um foco para a sua coleção, para evitar perder-se “no mar dos ditos livros raros existentes no mercado” (SILVA, 2011, p. 16).

No Brasil, a bibliofilia desenvolveu-se após a chegada da Família Real e a implantação da imprensa, em 1808. De acordo com Reifschneider (2011, p. 83), a bibliofilia

Só pode surgir em determinado contexto, onde a impressão de livros já tenha alcançado certo vulto, sendo necessária para isso uma significativa pujança cultural e material. É preciso, também, um mercado editorial desenvolvido para se falar em possibilidade de bibliofilia, pois o colecionador tem que ter o que colecionar.

Reifschneider (2011) identificou D. Pedro II (1825-1891), Francisco Ramos Paz (1838-1919), Salvador de Menezes Drummond Furtado de Mendonça (1841-1913) e José Carlos Rodrigues (1844-1923) como os primeiros bibliófilos do Brasil.

3 O BIBLIÓFILO

De acordo com o *Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia*, um bibliófilo é aquele “que tem amor aos livros; colecionador de livros” e um “coleccionador de documentos antigos ou raros” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 46). No *Dicionário do Livro*, Faria e Pericão (2008, p. 95) descrevem o bibliófilo como “pessoa amante das edições originais, raras e curiosas de livros. Os bibliófilos apreciam sobretudo a beleza tipográfica, a encadernação e o material com que foi impresso e confeccionado um livro”.

Em Bragança et al (2005, p. 14) o bibliófilo é caracterizado como “aquele que guarda, reúne, acumula, coleciona, pelos prazeres da posse, independentemente de sua ‘função’ original”. Sobre a figura do bibliófilo, Teixeira (1984, p. 375) apresenta a definição de Nodier, que no século XIX romantizou o bibliófilo como um “homem dotado de espírito e gosto, que encontra prazer nas obras dos gênios, da imaginação e do sentimento...Ele gosta do livro como nós prezamos o retrato de um amigo, como o apaixonado adora a imagem da sua amada”.

A partir das definições que caracterizam a bibliofilia e quem a pratica, podemos perceber que um bibliófilo é um colecionador de livros, em sua maioria antigos e raros, que possuem certas particularidades que os diferenciam dos outros livros. Mais que “reunir livros”, o bibliófilo sabe o que deseja e porque deseja, além de apreciar suas obras e cuidar delas com muito zelo. Para Cavedon et al (2007, p. 343) o bibliófilo não é um colecionador qualquer, pois ele possui uma “lógica que norteia a sua coleção”.

Cavedon et al (2007, p. 347) define a coleção de um bibliófilo como “um acervo que deve evidenciar um acúmulo de tempo, de energia, de dinheiro e de conhecimento intelectual, que assume as suas características e reforça a sua identidade social distinta.

Ao contrário do que muitos pensam, o bibliófilo não é necessariamente um colecionador de obras raras. De acordo com Dias (1994 apud Costa, 2009, p. 23),

Bibliófilo não é apenas aquele que tem livros do século XV e XVI, ou de outras épocas recuadas [...] pode-se até ser bibliófilo sem possuir nenhum livro dos séculos anteriores ao nosso. O que é então necessário para se ser um bibliófilo? É necessário amor, carinho e estudo pelo livro que comprou.

O fundador e primeiro Presidente da Associação Brasileira de Bibliófilos, José Augusto Bezerra, relacionou seis pontos que podem ser considerados como as seis leis da bibliofilia:

1. O livro é o melhor amigo do homem;
2. Embora diferente de nós, possuem um corpo e uma alma;
3. Livros manuseados não pegam mofo nem traças;
4. Se lhe dermos atenção, como a um amigo, iremos sonhar juntos, aprender e crescer;
5. Os que lêem, portanto, vivem mais, com mais qualidade de vida;
6. Se um amigo é um tesouro, conservar os livros é o melhor investimento, material e espiritual. (COSTA, 2009, p. 47).

As seis leis de José Augusto Bezerra evidenciam a importância do livro para um bibliófilo e a consideração com que tratam as obras que compõem sua coleção.

O colecionador particular precisa reunir várias características, sem as quais não poderá alcançar o sucesso almejado. Dentre essas características estão amar o livro; cuidar dele com o maior zelo e carinho, ter sorte e paciência; e “conhecer” o livro, que não significa ler o livro todo, mas examiná-lo. (DOYLE, 1999. p. 62).

3.1 O primeiro bibliófilo

Assurbanípal, também conhecido como Asnapar e Sardanapalo, nasceu por volta de 693 a.C. e foi o último rei da Assíria. Filho mais novo do rei Assaradão (Asarhaddon, Esarhaddon ou Esar-Hadom), tornou-se rei da Assíria por volta de 669 a.C., após a morte de seu pai e de seu irmão mais velho. Assurbanípal não era muito popular na corte e a ajuda de sua avó, a rainha-mãe Naqi'a-Zakutu, foi fundamental para sua ascensão ao trono. Após assumir o trono, Assurbanípal tornou-se um grande conquistador. Além de grande guerreiro, o rei assírio também ficou conhecido por ser um grande intelectual.

Durante seu reinado, Assurbanípal preocupou-se em “estimular uma atividade cultural e religiosa que preservasse seu nome do esquecimento” (BAEZ, 2006, p. 43). Assurbanipal tinha perfeita ciência da associação entre os governantes e a palavra escrita (MANGUEL, 2006). Foi um dos poucos soberanos que sabia ler e escrever, fato do qual orgulhava-se, demonstrado no colofão de cada tabuleta, onde declarava

Eu aprendi o que o sábio Adapa trouxe para os homens, os preciosos conhecimentos ocultos de toda a ciência escrita; eu fui iniciado nos livros de presságios do céu e da terra, eu me dei à companhia dos doutos; eu sou capaz de discutir a série hepatoscópica com os mais eminentes especialistas; eu resolvo as divisões e multiplicações complicadas que desafiam o entendimento. Eu consegui ler o engenhoso sumeriano e o obscuro acadiano, difícil de compreender. Eu sou capaz de decifrar palavra por palavra das pedras inscritas antes do dilúvio, que são herméticas, secretas e confusas. Ao mesmo tempo aprendi a mandar e segui meu caminho de rei (OLIVEIRA, 1989 p. 27-28).

Embora se orgulhasse de seus talentos de escriba e leitor, Assurbanipal, assim como governantes depois dele, se importava mais com a “representação emblemática das poderosas qualidades atribuídas aos livros” do que com a “transformação da experiência em saber” (MANGUEL, 2006, p. 87)

Assurbanípal foi o grande responsável pelo crescimento da Biblioteca de Nínive (atual Mossul, Iraque). A biblioteca era constituída por tabletes de argila em escrita cuneiforme². O rei assírio dispunha de escribas da Babilônia que dominavam as antigas escritas dos sumérios e acádios e realizavam um trabalho de tradução e interpretação dos textos. Como consequência, “Nínive passou a sentir os efeitos da acumulação de conhecimento, resultando numa cultura baseada nos estudos da textualidade. Os escribas desenvolveram extensos léxicos comparativos e instrumentos de referência”. (SANTOS, 2014, p. 23-24).

A biblioteca de Nínive possuía todos os tipos de texto, como “cartilhas sobre o mundo natural, geografia, matemática, astrologia e medicina; manuais de exorcismo e de augúrios; códigos de leis; relatos de aventuras e textos religiosos. E muitos desses tijolos eram bilíngues, em sumeriano e acádico” (ROCHA, 2015, p. 15). Mantinha-se em constante crescimento, pois Assurbanípal acreditava que sempre haver algum texto que poderia ter alguma utilidade para a sua coleção. O rei encarregava funcionários de cruzar seu império com a ordem de recolher os tabletes que encontrassem e enviá-los a Biblioteca de Nínive, como no trecho de uma carta enviada a Schadanu (Xadanu), onde emite a seguinte ordem:

No dia em que receberes esta carta, toma contigo Schuma, seu irmão Bel-etir, Aplá e os artistas de Borsippa que conheceres e reúne as tabuinhas, todas quantas existirem em suas casas e todas quantas houver no templo de Ezida.
[...] Procura e traz-me as preciosas tabuinhas de que não haja transcrições na Assíria. Acabo de escrever ao intendente do templo e ao alcaide de Borsippa informando-os de que tu, Schadanu, deverás guardar as tabuinhas no teu depósito e que ninguém deve se recusar a entregar-te todas as que exigires.

² De acordo com Martins (1996, p. 37), a escrita cuneiforme “tira seu nome do aspecto exterior dos sinais, que se apresentam em forma de cunhas.”

Se tiveres notícia de alguma tabuinha ou de algum texto de ritual, que seja adequado para o palácio, procura-o e manda-o para cá”. (OLIVEIRA, 1989, P. 27).

Ainda de acordo com Oliveira (1989, p. 26-27), Assurbanípal ordenava que fossem gravadas em suas tabuletas de argila a frase

Eu, Assurbanípal, Rei de legiões, Rei de nações, Rei da Assíria, a quem os deuses deram ouvidos atentos e olhos perfeitos, eu li tudo quanto os príncipes meus antecessores conseguiram reunir. Movido pela veneração que dedico ao filho de Marduk Nabu, o deus da sabedoria, eu reuni estas lajotas; eu as fiz transcrever, e, as tenho colecionado eu as firmei com o meu nome para conservá-las em meu palácio.

Considerada a biblioteca real mais antiga do mundo, a Biblioteca de Nínive foi descoberta durante escavações realizadas por ingleses na década de 1850, onde encontraram cerca de 30 mil fragmentos e tabletes de argila. A biblioteca foi destruída por um incêndio ao palácio de Assurbanípal em 612 a.C., durante uma invasão ao território assírio. Acredita-se que o incêndio ajudou na preservação dos tabletes, pois o fogo transformou a argila em um material resistente, fazendo com que o material se mantivesse praticamente intacto até a sua descoberta no século XVII. O material encontrado durante as escavações foi enviado ao Museu Britânico.

3.2 Por que bibliófilos colecionam?

No que diz respeito às coleções de livros, quais seriam as razões que levam uma pessoa a iniciar uma coleção de livros, posteriormente, tornar-se um bibliófilo? Livros sempre foram objetos de desejo, dado que nunca são meramente objetos, e acompanhados de conhecimentos e interesses, capazes de torná-lo um símbolo de prestígio (BLOM, 2003 apud PEDRÃO; MURGUIA, 2013).

De acordo com Pedrão e Murguia (2013), Anciães (2005) explica que colecionar compreende múltiplos valores, que podem ou não ter ordem de prioridade. Esses valores se dividem em

valor artístico, que são as peças com atrativos principalmente estéticos; valor de raridade, que são as peças mais antigas e difíceis de encontrar (esse valor se acresce se a peça se mantém operacional e documentada); valor de autoria, que são peças de autores conhecidos e consagrados (esse valor pode ser acrescido se o autor for de âmbito local, regional ou nacional); valor de coleção e de contexto (esse valor pode estar na peça enquanto ela pertence a uma determinada coleção e sua relação de memória com outras peças); e, por fim, valor de identidade, que pode estar na imagem ou identidade que determinada peça pode ter entre o público que usufrui dela (são peças que se

relacionam com a preservação de técnicas, memórias, públicos ou comunidades) (PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 400).

Para o bibliófilo Rubens Borba de Moraes (2005, p. 19), devemos perguntar aos psicanalistas a razão do colecionismo, “pois somente eles são capazes de descobrir quais os motivos inconfessáveis e escabrosos que levam um burguês pacato e morigerado a praticar atos perfeitamente simples e morais”.

Blom (2003, p. 263 apud PEDRÃO; MURGUIA, 2013, p. 398) acredita que “coleccionar é preencher um vazio”, enquanto Moraes (2005, p. 19-20) afirma ser uma “compensação para algum complexo” que

Em muitos casos é simplesmente um complexo de fuga, uma “Pasárgada” que ajuda a suportar guerras, inflações, desejos frustrados ou simplesmente uma mulher tagarela. Compensá-los, escrevendo poemas, pintando, esculpindo ou colecionando ainda é a melhor terapêutica que pode haver. [...] toda gente compra livros uma vez ou outra. Comprar livros hoje em dia, é uma necessidade. É indispensável em certas profissões. No entanto, uma minoria somente coleciona livros. É porque nem todos têm a sorte de possuir o dom da bibliofilia ou, se quiserem, os complexos necessários para se tornarem bibliófilos.

Walter Benjamin (1996, p. 235 apud REIFSCHNEIDER, 2011, p. 66), pensa que ao perguntar a um bibliófilo a razão de colecionar livros com a intenção de conduzi-lo a uma reflexão, seriam obtidas respostas interessantes, caso o bibliófilo respondesse de maneira sincera. Afirma ainda que “apenas os não-iniciados poderiam crer que não existe [...] o que esconder ou racionalizar.”

Para os bibliófilos, um dos maiores prazeres em colecionar livros é a procura pelo exemplar desejado. O prazer que se sente ao encontrar e adquirir o exemplar pretendido é tão grande, que o valor pago pela obra perde sua importância. É justamente essa busca pelo que lhe falta que transforma a bibliofilia em um hobby e uma paixão (MORAES, 2005, p. 27). Mindlin (2009, p. 50) explica que

Quando acontece de a gente encontrar uma obra que há muito tempo se procura, o coração bate mais forte, e o prazer de encontrá-la, ou de descobrir obras que despertam de imediato interesse, pode ser, creio eu, até maior do que ter o livro na biblioteca. Quase que vale mais a procura do que o encontro.

Além da busca pelo que lhe falta, o bibliófilo também considera três fatores, que são a atração pela coisa, a busca por conhecimento e o interesse especulativo. (REIFSCHNEIDER, 2010). Contudo, Moraes (2009) critica o colecionismo que visa o lucro, pois acredita que comprar livros pensando em vendê-los no futuro prevendo o lucro

proporcionado pela venda, não é característica de um bibliófilo, mas de um livreiro. Ainda de acordo com Moraes (2009), o número de livros caros contidos em uma biblioteca particular não a torna apreciável, pois livros raros no meio de outros que tratam de assuntos inteiramente diferentes fazem com que se pense mais no que falta na coleção do que o que existe.

O colecionador Walter Benjamin (1967, p. 228) descreve a existência do colecionador como uma “uma tensão dialética entre os pólos da ordem e da desordem” e sua existência está subordinada a outras coisas, como

Uma relação muito misteriosa com a propriedade [...], a uma relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como um palco, como o cenário de seu destino. O maior fascínio do colecionador é encerrar cada peça num círculo mágico onde ela se fixa quando passa por ela a última excitação – a excitação da compra. Tudo o que é lembrado, pensado, conscientizado, torna-se alicerce, moldura, pedestal, fecho de deus pertences. A época, a região, a arte, o dono anterior – para o verdadeiro colecionador todos esses detalhes se somam para formar uma enciclopédia mágica, cuja quintessência é o destino de seu objeto. Aqui, portanto, neste campo restrito, pode-se presumir como os grandes fisiognomonistas – e os colecionadores são fisiognomonistas do mundo dos objetos – se tornam intérpretes do destino.

Manguel (2006) entende que se uma biblioteca é um reflexo de seus leitores, também é um reflexo do que não somos e não podemos ser. Ainda de acordo com Manguel (2006, p. 96) o que transforma a biblioteca em um reflexo de seu é, além da seleção de título, a “trama de associações implícita na seleção”. A experiência do proprietário gera outras experiências, a memória elabora outras memórias e os livros dependem de outros livros, “que os modificam e enriquecem, que lhes dão uma cronologia ao arripio dos dicionários de literatura”. (MANGUEL, 2006, p. 163).

Para um bibliófilo, os livros têm um destino e esse destino é o encontro com o bibliófilo e sua coleção. A posse de um livro representa seu renascimento e essa posse representa a relação mais íntima que se tem com as coisas, que não estão vivas dentro dele, mas que ele vive dentro delas. (BENJAMIN, 1986).

Bibliófilos colecionam por diversas razões, porém têm em comum o amor pelo livro, a atração pelo objeto, o prazer da busca por esse objeto e o deleite ao encontrar e adquirir uma obra desejada.

3.3 O que bibliófilos colecionam?

Estima-se que tenham sido escritos mais de cem milhões de livros (GOOGLE..., 2010). Com um número tão elevado de livros à disposição, qual o critério adotado por um bibliófilo durante o processo de seleção e busca de obras para a sua coleção? Mindlin (2009, p. 50) afirma que “certo planejamento na formação da biblioteca é um imperativo para que a aquisição de obras não se transforme numa simples acumulação de livros”. Dessa forma, muitos bibliófilos se tornam especialistas em determinadas áreas ou autores específicos e “concentram num campo mais limitado suas garimpagens”.

Mindlin (2009, p. 60) indica duas recomendações a serem consideradas durante a garimpagem de livros, como denomina o processo de seleção e busca de obras, que são

Saber o que se quer reunir, e estudar e ter paciência. Não se pode comprar atabalhoadamente, e é muito importante, a meu ver, que se tenha certeza de que a obra a ser adquirida esteja completa, com todas as páginas e todas as eventuais ilustrações. Sempre procurei só comprar obras em bom estado, salvo ao se tratar de obra muito rara, caso em que pode ser admissível aceitar um exemplar menos satisfatório na esperança de conseguir substituí-lo em algum momento por um exemplar completo e perfeito.

A despeito de sua recomendação para a definição dos tipos de livros que farão parte da coleção, Mindlin (2009) também declara que isso não é um impedimento para a aquisição de obras que não se enquadrem na vertente escolhida. Mindlin tornou-se famoso por sua coleção Brasileira, porém adquiriu obras de temas diversos, como a edição portuguesa de *O discurso sobre a história universal*, de Jacques-Bénigne Bossuet. Deste modo, entende-se que a coleção não se limita ao seu tema, tornando possível a aquisição de obras por diversas razões.

Rouveyre (2003), em sua obra intitulada *Dos livros* descreve as regras de julgamento estabelecidas por bibliófilos, que aconselham a verificação do título, nome do autor, editor, número de edições, anos e os locais de edição.

Em livros antigos, a verificação deve começar pelo nome do impressor, que são grafados no final da obra, principalmente se for ilustre e reconhecido. Após, deve-se examinar o prefácio e a intenção do autor; a causa e a circunstância que determinaram seu desejo de escrever, além de seu país de origem, pois cada nação possui características próprias. Convém pesquisar a vida do autor, profissão, classe social, acontecimentos notáveis que tenham marcado sua educação, seus estudos, sua maneira de viver; se mantinha correspondência com outros eruditos; que elogios e críticas favoráveis lhe

foram concedidas, geralmente encontradas no começo do livro; quais foram os profissionais que compuseram a obra, o que às vezes é incluído em ordem, na dedicatória (ROUVEYRE, 2003).

Deve-se informar se a obra foi analisada por algum crítico de bom senso. Caso o objetivo da obra não esteja exposto no prefácio, é preciso buscá-lo no corpo do livro; é necessário observar os temas tratados pelo autor, se os sentimentos são altivos ou fúteis, nobres ou vulgares, se divulgam o falso ou se espelham o verdadeiro. Paralelamente, deve-se examinar se o autor segue um caminho já explorado ou se ele abre novos caminhos, se inaugura princípios até então ignorados; em relação a sua maneira de escrever, se apresenta dicotomias, segue as regras gerais de estilo, ou se seu estilo é particular e condizente com assunto que intenta tratar (ROUVEYRE, 2003).

As regras de julgamento do autor supracitado ajudam na identificação do livro antigo e são importantes para que o bibliófilo conheça a história do livro que tem em mãos, proporcionando uma melhor avaliação no momento da seleção e aquisição de obras para a coleção.

Cavedon et al (2007, p. 351-352), ao citar as características que ajudam a compreender o comportamento dos bibliófilos, explica que “as coleções raramente iniciam propositalmente, elas podem iniciar a partir de uma herança, mas normalmente evoluem sem a consciência dos colecionadores, que em um dado momento se ‘descobrem’ como tal”.

Um exemplo de formação de coleção de maneira inconsciente é a aquisição de livros para a leitura. José Mindlin, um dos maiores bibliófilos brasileiros, conta que seu interesse pela leitura foi o responsável pela formação de sua coleção

Quando comecei a frequentar os sebos e livreiros antiquários, inicialmente aqui em São Paulo, ainda não havia propriamente a ideia de formar uma biblioteca. O que me motivava era o interesse pela leitura, que continua sendo, aliás, o fator primordial em minhas garimpagens. Em poucos anos, no entanto, não pude evitar que o volume dos livros adquiridos excedesse esse propósito inicial. E isso continuou acontecendo ao longo da vida. Alguns livros eram adquiridos para a leitura para a leitura imediata e outros pela ilusão de que conseguiria ler todos eles. Alguns autores remetiam a outros, várias obras foram objeto de estudo por críticos competentes, e esses estudos geraram livros que foram sendo naturalmente adquiridos, até que chegou o momento em que não pude deixar de me dar conta de que estava formando uma biblioteca (MINDLIN, 2009, p. 49-50).

A biblioteca de Plínio Doyle teve como base para sua formação a leitura de uma crítica de Machado de Assis ao drama *Mãe*, de José de Alencar. Doyle se interessou pela

obra ao ler a crítica e saiu a procura de um exemplar, só encontrado na Biblioteca Nacional, onde leu e releu a obra. A partir de então, Doyle passou a sair em busca de livros e autores que eram mencionados em outras obras. Revistas brasileiras também se tornaram objeto de desejo de Doyle, que passou se interessar por revistas brasileiras onde pudesse ler Machado de Assis, Alencar, um Macedo, o que teve como resultado a reunião de sua biblioteca (DOYLE, 1999).

Além do interesse pela leitura, também existe a atração pelo livro como objeto, descrito por Mindlin (1997, p. 15-16) como

Uma atração multiforme, que vai muito além da leitura, embora seja um ponto de partida fundamental. Em primeiro lugar, existe sempre a ilusão de que se vai conseguir ler mais do que na realidade se consegue. Depois vem o desejo de ter à mão o maior número possível de obras de um autor de quem se gosta - já é o começo de uma coleção. Conseguindo o conjunto, que sempre se quer o mais completo possível, surge o interesse pelas primeiras edições, geralmente raras, e atração pelo livro como objeto, e também como objeto de arte, em que entra a qualidade do projeto gráfico, a ilustração, a diagramação, o papel, a tipografia, a encadernação; e aí já surge a busca da raridade. Quando se chega a esse estágio, aquele que pensava em ser na vida apenas um leitor metódico, está irremediavelmente perdido.

Para Umberto Eco (2010), mesmo atendo ao conteúdo, um bibliófilo quer o objeto de forma que existem bibliófilos que possuem um livro intonso e não separam as páginas para que o objeto não seja violado, pois separar as páginas de um livro raro pode ser comparado a um colecionador de relógios que quebra um tambor a fim de ver o mecanismo.

Podemos perceber a existência de dois tipos bibliófilos, os que possuem interesse no conteúdo do livro e bibliófilos que se interessam pelo livro como objeto. O livro como objeto possui certas particularidades que o tornam desejável aos olhos de um colecionador. Para Murguia (2009, p. 102), o livro possui certas características determinados pelo seu suporte e pelos valores que atribuem ao livro como “símbolo social, fetiche ou lugar da memória” e esses valores “acionam dispositivos subjetivos e pessoais que levam sua posse e coleção”.

3.3.1 Características que tornam o livro colecionável

O livro cobiçado por um bibliófilo possui determinadas características, referentes ao suporte ou conteúdo, que o tornam “especial” aos olhos do colecionador, e

transformam o livro em um objeto de desejo. Dentre essas características, é possível destacar:

a) raridade: O que atribui a uma obra o status de rara? É comum supor um livro antigo é raro, entretanto antiguidade não é sinônimo de raridade. Antiguidade não concede importância ao livro, nem desperta o interesse, pois existem muitas obras modernas mais importantes do que muitos livros religiosos do século XVI, e até mesmo do século XV (MINDLIN, 2009).

Para um livro ser considerado raro para um bibliófilo, é preciso que cite um fato importante pela primeira vez, marque uma data importante na História, tenha um valor bibliográfico universal e que haja procura por esse livro (MORAES, 2005).

De acordo com Moraes (2009, p. 46), a “carreira” de um livro tem início com a obra sendo considerada “comum”, em seguida passa a ser “escasso”, torna-se “raro” e, por fim, transforma-se em um livro “raríssimo”. Saber por que é raro livro é raro, conhecer a história dessa obra e saber exatamente o que contém é próprio do “verdadeiro bibliófilo” (MORAES, 2005, p. 122).

b) procura: Para que um livro seja considerado raro e valioso para um bibliófilo, é preciso que haja interesse no exemplar, pois mesmo uma obra única, não é considerada rara e valiosa quando não é desejada por alguém. De acordo com Moraes (2005, p. 67),

Um livro não é valioso porque é antigo e, provavelmente raro. Existem milhões de livros antigos que nada valem porque não interessam a ninguém. Toda biblioteca pública está cheia de livros antigos, que, se fossem postos à venda, não valeriam mais que o seu peso como papel velho. O valor de um livro nada tem que ver com a sua idade. A procura é que torna um livro valioso. O que o torna procurado é ser desejado por muita gente, e o que o faz desejado é um conjunto de fatores, de particularidades inerentes a cada obra.

c) primeira edição: Uma característica altamente valiosa para os amantes dos livros é a primeira edição, especialmente de obras literárias. O que torna uma primeira edição mais preciosa que as outras, é, na grande maioria das vezes,

[...] uma questão sentimental, como diz um bibliógrafo inglês. O bibliófilo quer possuir o texto do autor de que ele gosta tal qual veio à luz pela primeira vez, tal qual o autor manejou ainda com a tinta fresca. Nem sempre a primeira edição de uma obra literária tem somente valor sentimental. Muitas vezes a comparação dos textos das diversas edições, feitas em vida do autor, revelam correções. É um meio de se estudar como seu estilo evoluiu, como uma ideia se cristalizou e a forma que tomou. (MORAES, 2005, p.101).

Fatores como a popularidade do autor ou da obra, são fundamentais para valorizar uma primeira edição.

d) *conservação*: O estado de conservação de um livro também é fator decisivo no momento da aquisição de uma obra. Com o passar do tempo, podem surgir alguns contratempos que causam imperfeições no livro, como o furto de páginas, deterioração de encadernações, danos decorrentes da ação de mofos, traças, brocas, etc. Essas imperfeições podem reduzir o valor do livro, no entanto, existem algumas exceções, como reconhece Mindlin (2009, p. 60) ao afirmar que quando se trata de uma obra muito rara, admite-se a aquisição do exemplar imperfeito com a esperança de futuramente substituí-lo por um exemplar “completo e perfeito”; e Moraes (2005, p. 133) ao declarar que “só se admite um exemplar incompleto quando se trata de um livro tão raro que não se tenha possibilidade de obter outro tão cedo”

e) *particularidades*: Alguns livros possuem “detalhes”, como erratas, autógrafos e inscrições, e “quanto mais conhecida a particularidade, mais procurada é a edição e, conseqüentemente, mais caro é o exemplar” (MORAES, 2005, p. 71).

Diversas particularidades ajudam a identificar origem do livro, como a coleção a qual pertenceu ou seu antigo proprietário. A origem do livro pode valorizar o exemplar, contanto que lembre

[...] alguma coisa, quando evoca reminiscências do passado, lembranças de uma biblioteca famosa ou de algum fato histórico.

[...] um livro com dedicatória do autor não tem somente mais encanto mas vale muito mais. O *ex-libres* de um colecionador, colocado num livro, valoriza-o.

Muito livro contém anotações, se não do próprio autor, muitas vezes de um contemporâneo. Se as anotações são do autor, não podem deixar de ter seu interesse, mas se são de outra pessoa nem sempre aumentam o valor do livro. (MORAES, 2005, p. 86).

Erratas, ilustrações, encadernações e seu impressor também são particularidades capazes de valorizar um livro. Um exemplo de errata que tornou um livro procurado por bibliófilos está no romance *Flor de sangue*, de Valentim Magalhães. Na página 385, está a errata “À página 285, 4ª linha, em vez de estourar os miolos, leia-se cortar o pescoço”. (DOYLE, 1999, p. 65).

Segundo Plínio Doyle (1999, p. 66), que possuía um exemplar em sua biblioteca, não era o caso de uma errata, pois no livro

Um médico apaixonou-se por uma mulher casada e, obrigado a acabar com o romance, resolveu suicidar-se no próprio consultório, cortando com um

bisturi a carótida, e a descrição do fato é perfeita, na página 274: “Um jorro de sangue, em repuxo impetuoso e alto, esguichou, cobriu o espelho, salpicou tudo em volta do lavatório”. Passados dias, a amante, conversando em roda de amigos, declarou: “...em vez de deixá-lo e estourar os miolos...”. Vê-se assim, que ela se referiu ao fato com outras palavras.

f) preço: Um livro raro, de maneira geral, tem seu preço definido pela lei da oferta e procura, onde quanto mais raro for, maior será seu preço. De acordo com Moraes (2005, p. 31), “seus preços são regulados pelos leilões de Londres, de Paris, Nova Iorque, de Genebra e de outros grandes centros. O livro antigo é uma mercadoria internacional, seu preço é regulado em moeda forte. Moraes afirma ainda que “Os livros verdadeiramente raros sobem continuamente de valor. Estão acima dos caprichos da moda e dos desejos dos amadores endinheirados” (MORAES, 2005, p. 59).

Chartier (1999 p. 149 apud COSTA, 2009, p. 21) declara que a raridade de um livro é frequentemente construída e sintetiza todas as características que tornam um livro valioso para um bibliófilo ao afirmar que

Mesmo em tempos de massificação e de universalização, não se poderá impedir os colecionadores de construir a raridade. Porque apesar da raridade poder ser objetiva, ela é, de fato, com frequência construída. Um livro é raro a partir do momento em que há bibliófilos para procurá-lo. Se não há ninguém interessado, mesmo que tenha sido publicado em um único exemplar, ele não é raro. É uma história absolutamente apaixonante a da bibliofilia, que começa no fim do século XVII ou no começo do século XVIII, nos meios financeiros, e supõe que seja definido o universo do colecionável. Podem ser todos os livros impressos antes de certa data, ou todos os livros que têm o mesmo suporte material, rico e luxuoso, ou todos os livros que pertencem ao mesmo gênero literário, ou ainda todos os livros saídos da mesma oficina tipográfica etc. Um critério de raridade se põe em marcha, definindo o colecionável pela série.

A raridade de uma obra é construída a partir do momento em que desperta o interesse de um colecionador e, como consequência desse interesse, tem início a procura por um exemplar. Um livro antigo não é necessariamente raro, visto que existem algumas particularidades que atraem um bibliófilo e é a partir dessas particularidades, como obras publicados em determinada época ou escritas por um autor famoso, que o tema da coleção é definido. No Brasil, as coleções mais famosas são formadas por obras de Brasileira e literatura brasileira.

4 CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO CULTURAL NO BRASIL

Ao se discutir bibliofilia, o primeiro pensamento que vem à mente é a coleção formada por um bibliófilo e sua contribuição para a preservação de obras raras, visto que o acervo de um bibliófilo é composto por diversas obras que possuem grande importância histórica para o Brasil, que são preservadas a partir dos cuidados que seus proprietários concedem a coleção. Entretanto, alguns bibliófilos tornaram notáveis não só por sua coleção como também por seu envolvimento em diversas atividades que contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento cultural no Brasil.

Ao longo do século XX, José Mindlin, Plínio Doyle e Rubens Borba de Moraes ganharam destaque principalmente pela prática da bibliofilia, porém mais que bibliófilos, prestaram um grande serviço à literatura nacional e foram personalidades importantes na cena cultural brasileira. Dentre suas atividades, estão ações que incluem a organização de movimentos culturais e a gestão de órgãos e instituições ligadas à cultura.

4.1 Dados biográficos de Plínio Doyle (1906-2000)

Plínio Doyle da Silva, nasceu no dia 1º de outubro de 1906, na cidade do Rio de Janeiro. Filho de professores, foi o caçula de nove filhos. Em 1927, ingressou na Faculdade Nacional de Direito, da atual Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde graduou-se em 1931. Começou a advogar no escritório de Haroldo Valladão, que havia sido seu professor na faculdade. Entre 1935 e 1960 trabalhou como advogado da Livraria José Olympio Editora, fundada por José Olympio Pereira Filho, um dos maiores editores da época, e foi como advogado da editora que conheceu e tornou-se amigo dos autores da época. Em 1933, Doyle foi eleito para o Instituto dos Advogados Brasileiros, onde foi tesoureiro, primeiro secretário, primeiro vice-presidente e exerceu o cargo de bibliotecário. Advogou até 1961 e foi Procurador da Fazenda Nacional até 1976, quando foi aposentado por limite de idade.

Sua primeira experiência marcante com a leitura aconteceu através da revista *O Tico-Tico*, um periódico voltado para o público infanto-juvenil, publicado toda quarta-feira. Sua biblioteca teve por base a leitura e começou a se formar quando Plínio Doyle

leu uma crítica de Machado de Assis ao drama *Mãe*, de José de Alencar. Doyle saiu em busca da obra supracitada e, a partir de então, passou a procurar livros e autores que eram mencionados em outras obras (DOYLE, 1999).

Ao longo de 60 anos, Doyle reuniu uma biblioteca especializada em literatura brasileira, com cerca de 25 mil volumes e 1.788 títulos de periódicos, dentre os quais cerca de 3.000 são consideradas obras raras, havendo inúmeras primeiras edições e muitos exemplares com dedicatórias (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, [20--?]).

Além de livros e periódicos, Doyle formou uma importante coleção de documentos que inclui o testamento de Machado de Assis, vários originais de José Lins do Rego e os manuscritos de *Canaã e Til*, de José de Alencar. Em 1988, sua biblioteca foi vendida para a Fundação Casa de Rui Barbosa, pois não podia mais, “por motivos de saúde, continuar a tratar dos livros com o cuidado e a atenção que sempre mereceram (e merecem)” (DOYLE, 1999, p. 104).

Plínio Doyle faleceu no dia 26 de novembro de 2000, aos 94 anos.

4.2 Dados biográficos de José Mindlin (1914-2010)

Uma das personalidades mais importantes para a bibliofilia brasileira, José Ephim Mindlin nasceu na cidade de São Paulo, no dia 8 de setembro de 1914 e faleceu em 2010, aos 95 anos. Sua vida profissional teve início em 1930, aos quinze anos, quando começou a trabalhar na redação do jornal *O Estado de S. Paulo* como repórter e redator. Em 1932, ingressou no curso de Direito da Faculdade do Largo de São Francisco, da Universidade de São Paulo, entretanto continuou com seu trabalho como jornalista. Ao iniciar um estágio e acumular funções, Mindlin se viu diante da escolha entre a advocacia e o jornalismo, optando pela advocacia e deixando seu trabalho no jornal.

Graduou-se em 1936 e advogou até 1950, ano em que se tornou um dos fundadores e presidente da empresa Metal Leve S. A. Entre 1975 e 1976, foi o Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo.

De acordo com Mindlin (2009), sua trajetória como bibliófilo teve início quando tinha apenas 13 anos e leu o livro *História do Brasil* de Frei Vicente de Salvador, uma obra que traz uma relação de obras importantes para a história do Brasil. Ao terminar a leitura, Mindlin escreveu para algumas livrarias a fim de obter mais informações, quando ofereceram ao jovem a coleção completa da primeira edição brasileira de *História do*

Brasil, de Robert Southey, publicada em seis volumes no ano de 1862. Seus pais o presentearam com a coleção no seu aniversário. Essas obras marcaram o início de seu interesse por assuntos brasileiros que, ao longo de oitenta anos, resultou em um grande conjunto de livros sobre o Brasil.

Seu interesse por livros raros teve início ainda no começo de suas garimpagens por sebos, quando adquiriu o livro *O discurso sobre a história universal*, de Jacques-Bénigne Bossuet. Trata-se de uma edição portuguesa de 1740, que fascinou Mindlin por sua idade, sendo responsável pelo início sua coleção de obras raras (MINDLIN, 2009).

Ao longo de 80 anos, Mindlin reuniu cerca de 32 mil títulos, que correspondem a aproximadamente 60 mil volumes de livros e manuscritos de Brasiliana, formando uma coleção que é considerada a mais importante do gênero formada por particulares. Parte do acervo da Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin é composto pela coleção formada por outro grande bibliófilo, Rubens Borba Alves de Moraes. A coleção de Mindlin foi doada à Universidade de São Paulo, que criou no ano de 2005 a Biblioteca Brasiliana Guita e José Mindlin com o objetivo de abrigar e integrar o acervo reunido pelo bibliófilo e sua esposa, Guita Mindlin. A biblioteca sedia projetos e desenvolve atividades nas áreas de Estudos Brasileiros; História do Livro e da Leitura; Tecnologia do Conhecimento e Humanidades Digitais; e Preservação, conservação e restauração do livro e do papel (BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN, [20--?]).

4.3 Dados biográficos de Rubens Borba de Moraes (1899-1986)

Rubens Borba Alves de Moraes nasceu em Araraquara (SP), em 23 de janeiro de 1899. Foi um importante intelectual e o mais destacado estudioso da bibliografia sobre o Brasil. Aos nove anos foi estudar em Paris e em Genebra, retornando em 1919, aos 20 anos, após graduar-se em Letras pela Universidade de Genebra. Foi um dos organizadores da Semana de Arte de Moderna de 1922, apesar de não ter comparecido ao evento devido à problemas de saúde. Foi um dos fundadores do jornal e *Diário Nacional* e combateu na Revolução de 1932. Exerceu diversas atividades ao longo de sua vida e, após ganhar uma bolsa de estudos da Fundação Rockefeller em 1939, foi estudar biblioteconomia nos Estados Unidos. Além de bibliotecário, ocupou-se com a edição de revistas, direção de bibliotecas, ensaios, bibliografias e atividades políticas.

Começou a colecionar ainda criança, aos 8 anos, quando pedia aos pais que comprassem os livros dos autores que gostava. Com cerca de 18 anos, passou a comprar e colecionar obras de autores franceses contemporâneos e tiragens especiais. Por volta de 1921, um amigo começou a colecionar Brasileira e Moraes se interessou pelo assunto. Vendeu seus livros franceses e iniciou uma das mais importantes coleções de brasileira. Sua biblioteca se dividia em livros antigos estrangeiros sobre o Brasil; livros de autoria de brasileiros do período colonial; primeiras impressões feitas no Brasil; e obras sobre história e literatura de autores brasileiros do século XIX (REIFSCHNEIDER, 2011).

Ao atingir cerca de 80% da *Bibliographia Brasileira*, decidiu vender sua coleção, que foi adquirida por José Mindlin. Apesar da venda de sua coleção brasileira, Moraes não deixou de colecionar, apenas mudou seu foco para livros de autores brasileiros e primeiras impressões feitas no Brasil. Anos depois, ao se mudar para Bragança Paulista, vendeu aproximadamente 1.200 livros, também adquiridos por Mindlin, para quem Moraes deixou a última parte de sua coleção (REIFSCHNEIDER, 2011).

Rubens Borba de Moraes faleceu em Bragança Paulista em 1986, aos 87 anos.

4.4 Breves considerações sobre as coleções formadas por Doyle, Mindlin e Moraes

A coleção de um bibliófilo é, certamente, seu maior legado. O cuidado concedido a sua coleção resulta na conservação e preservação de livros, assegurando que obras de grande valor histórico cheguem aos dias atuais em boas condições e sirvam de aporte teórico para estudos em diversas áreas. José Mindlin (1997 p. 213-214) confirma seu papel como preservador ao afirmar que

Em relação aos livros, não tenho o fetiche de propriedade. Sinto-me mais como um depositário do que um proprietário, usufruindo, é verdade, o prazer que eles proporcionam, mas visando preservar uma herança do passado, e conservar o que se faz de bom agora, com o propósito de transmitir tudo isso para o futuro. Tenho procurado desenvolver uma atividade cultural em várias frentes, facilitar a estudiosos a pesquisa na biblioteca, promover edições de obras úteis e reedição de outras esgotadas que considero importantes.

Doyle ratifica o reconhecimento de bibliófilos para a preservação de livros através de uma passagem contada em seu livro de memórias, onde ao comentar uma dedicatória de Guimarães Rosa, se recorda de um episódio em que, ao comprar a tradução de um livro de Guimarães Rosa, ouviu do autor a frase “Você está proibido de comprar qualquer

tradução minha; os editores estrangeiros me mandam apenas dois exemplares e eu vou dar um a você e fico com o outro, que vou perder, e fica o seu”. (DOYLE, 1999, p. 72).

Além da preservação de obras, outra contribuição importante é conferida a bibliotecas, através da institucionalização de coleções. A institucionalização das coleções contribui para o desenvolvimento do acervo das instituições mantenedoras e tornam acessíveis obras que até então só eram acessadas pelo bibliófilo e pessoas autorizadas por ele.

Dentre as obras que compõem as coleções de Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes, estão livros da Brasiliana, primeiros livros impressos no Brasil e primeiras edições de grandes autores brasileiros.

4.5 Contribuições durante a gestão de bibliotecas, instituições e órgãos ligados à cultura

Ao longo de suas trajetórias, Doyle, Mindlin e Moraes acumularam diversas funções, como a ocupação de cargos políticos e a direção de bibliotecas. Para Doyle (1999), essas atividades foram uma forma de prestar serviços à cultura e a literatura. O primeiro cargo de Plínio Doyle em uma biblioteca foi na biblioteca do Instituto dos Advogados Brasileiros, para onde foi eleito em 1933. Antes de assumir a biblioteca, Doyle exerceu diversas funções. Enquanto trabalhou na biblioteca exercendo função de bibliotecário, organizou a biblioteca aos sábados, com ajuda de dois boys que trabalhavam em seu escritório. Com o intuito de obter verba suficiente para pagar o bibliotecário Rofran Fernandes, realizou a venda de duplicatas e coleções de revistas que não possuíam utilidade para a biblioteca. Ao terminar seu trabalho, deixou mais de 10 mil exemplares fichados e prontos para uso.

Em 1972, foi criado o Arquivo-Museu de Literatura Brasileira e Doyle assumiu, extraoficialmente, a direção da instituição, pois era Procurador da Fazenda e só poderia ser nomeado após sua aposentadoria. Esteve na direção do Arquivo-Museu entre os anos de 1972 e 1990, onde divulgava os acervos através de exposições e mesas redondas, além de ser responsável por encorajar a doação de coleções a instituição, tornando o Arquivo-Museu um importante centro documental (DOYLE, 1999).

Em 25 de abril de 1979 foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional a convite do Ministro da Educação do governo do General Figueiredo, Eduardo Portela. Esteve à frente da biblioteca até 1982.

Durante sua administração, a Biblioteca Nacional divulgou cerca de 16 publicações e pôs em dia a coleção dos *Anais*, publicando em 1980 o volume 100, que continha o índice dos 99 anteriores. Também editou alguns anteriores que se encontravam atrasados e reeditou o volume 85, que possui o catálogo dos jornais e revistas existentes na Biblioteca Nacional até o ano de 1889, que era muito procurado e estava esgotado. Também realizou exposições com os catálogos da biblioteca e, na comemoração dos 70 anos da biblioteca em sua sede atual, foram publicados três volumes, Brasil 1900-1910, com estudos de vários escritores sobre o período (DOYLE, 1999).

Realizou exposições comemorativas, palestras e projetos com o intuito de comemorar datas importantes relacionadas aos grandes nomes da literatura. No IV centenário de Camões, Doyle distribuiu três publicações fac-similares fundamentadas nas comemorações do III centenário da Morte de Camões do Gabinete Português de Leitura. No tricentenário, em 1880, foi realizada a primeira celebração do dia de Camões e, para tanto, o Gabinete promoveu um espetáculo lírico no Teatro Pedro II, onde Joaquim Nabuco proferiu um discurso, foram ouvidas peças musicais de Carlos Gomes, Artur Napoleão e Leopoldo Miguez e a representação da peça *Tu só, tu, puro amor* de Machado de Assis (SANTOS, 2011).

Foi responsável por algumas medidas que visavam a integridade do acervo, como o fim do costume que havia de guardar o carro dentro da área da biblioteca e o hábito que os funcionários possuíam de esquentar a comida em fogareiros a álcool, que eram acomodados nas mesas de trabalho, ao lado de livros e papéis. (DOYLE, 1999).

Enquanto dirigia a Biblioteca Nacional, foi nomeado membro do Conselho Federal de Cultura. Assumiu o cargo em abril de 1981 e cumpriu um mandato de 6 anos. Plínio Doyle deixou a direção da Biblioteca Nacional no dia 6 de janeiro de 1982.

Assim como Plínio Doyle, Rubens Borba de Moraes exerceu diversas funções ao longo de sua carreira. Entre os anos de 1926 e 1931, integrou um grupo de intelectuais que se reunia para discutir a ideia de organizar a atividade cultural da cidade de São Paulo, através da criação de um departamento de cultura. Paulo Duarte elaborou um anteprojeto e encaminhou a outros intelectuais para que se inteirassem do projeto e propusessem

sugestões. Mário de Andrade, Paulo Barbosa Campos e Paulo Duarte redigiram o projeto final e assim, em 1935, foi criado o Departamento de Cultura da Cidade de São Paulo.

O Departamento de Cultura foi dividido em 5 divisões, dentre elas a Divisão de Bibliotecas, que inicialmente foi dirigida por Eurico Góes. Em 1936, Goés aposentou-se e Rubens Borba de Moraes assumiu a chefia da Divisão de Bibliotecas.

Durante sua gestão, Moraes foi o responsável pela modernização de serviços, implantando novas técnicas de organização e recuperação. Também foi criado o primeiro curso para formar bibliotecários aptos a atuar nas bibliotecas da cidade de São Paulo. O curso era de responsabilidade do departamento de cultura e foi extinto durante o primeiro governo de Prestes Maia (1938-1945) (VIANA, 2011).

Ainda em 1936, foi inaugurada a primeira Biblioteca Infantil, atual Monteiro Lobato, e a Biblioteca Circulante. A Biblioteca Circulante que se resumia a uma caminhonete adaptada que transportava livros, estacionando em parques e jardins da cidade e informava a população sobre a existência da Biblioteca Municipal. Foi extinta em 1942 (VIANA, 2011).

O chefe da Divisão de Bibliotecas acumulava o cargo de diretor da Biblioteca Pública Municipal e Rubens Borba de Moraes foi responsável por diversas modificações na atual Biblioteca Mário de Andrade. Sob a coordenação de Moraes, a biblioteca desenvolveu um novo formato de atendimento ao público, que foi o início da formação de um serviço de referência, além de participar de todas as etapas de planejamento e construção do novo edifício da biblioteca, inaugurado em 1942. Também foi o responsável pela criação da Seção de Obras Raras e Especiais (BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE, [20--?]).

Em 1942, após divergências com o prefeito Prestes Maia, deixou a direção da Divisão de Bibliotecas.

Três anos após sua saída da Divisão de Bibliotecas de São Paulo, Moraes foi nomeado diretor da Biblioteca Nacional. Executou diversas mudanças estruturais e nos serviços da biblioteca, essenciais para sua atualização e desenvolvimento.

Ao assumir o cargo, elaborou um relatório onde apresentou questões referentes a má conservação do acervo, precariedade dos serviços, condição do prédio e despreparo de funcionários. De acordo Bettancourt e Souza (2013), o relatório continha cinco pontos fundamentais que incluíam uma reorganização técnica dos serviços; recatologação de todo o acervo, baseado em normas e princípios universalmente adotados; a criação de um

serviço especial para livros raros, limpeza e desinfecção dos livros; e reforma do prédio, além de instalações novas para o público.

As mudanças relativas ao processamento técnico foram realizadas por meio de uma consultoria com técnicos americanos. A Biblioteca Nacional empregou a Classificação Decimal de Dewey para a representação temática e o código de catalogação *American Library Association* para a representação descritiva, além de criar catálogos de autoridades de nomes e de assuntos. A recatologação foi realizada na maior parte do acervo e teve início o registro patrimonial do acervo (BETTENCOURT; SOUZA, 2013).

Ainda segundo Bettencourt e Souza (2013), na gestão de Moraes foi restabelecida a publicação do Boletim Bibliográfico, que havia sido interrompida em 1939. Rubens Borba de Moraes foi diretor da Biblioteca Nacional até 1947.

José Mindlin foi outro bibliófilo a assumir uma secretaria. Em janeiro de 1975, Mindlin foi convidado pelo então governador de São Paulo, Paulo Egydio, para assumir a Secretaria de Cultura Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo. Na época do convite, a secretaria de cultura estava sendo transformada em secretaria de cultura, ciência e tecnologia e o governador disse que se Mindlin não aceitasse o cargo, a nova secretaria não seria criada (MINDLIN, 1997).

Enquanto secretário, foi responsável por diversas iniciativas que visavam a preservação de patrimônios e promoção de atividades culturais. Na área cultural, Mindlin buscou preservar o patrimônio existente e apoiar museus, bibliotecas e outras instituições de São Paulo. Com essa finalidade, foram realizados tombamentos e restaurações, como o conjunto histórico de São Luíz do Paraitinga e os painéis de Portinari, em Batatais. Houve uma reorganização da Pinacoteca, com a ajuda de Aracy Amaral, e do Arquivo, que contava com cerca de 10 milhões de documentos, onde aproximadamente 30% estavam em situação crítica e foram recuperados pelo diretor nomeado por Mindlin, o historiador Francisco de Assis Barbosa (MINDLIN, 1997).

Também foram promovidas diversas ações com o intuito de promover a cultura no interior do Estado, como festivais de arte em diversas cidades. Foi realizado um trabalho intensivo na área musical, incentivando músicos de orquestras para que trabalhassem no interior, onde foram criados cinco centros permanentes de formação profissional (MINDLIN, 1997).

No que diz respeito aos livros e as bibliotecas, foram editadas cerca de 20 coedições de várias obras, com diversas editoras. O programa envolveu a aquisição de

milhares de livros para serem distribuídos pelas bibliotecas ou vendidos a baixo custo (MINDLIN, 1997).

Por conta de divergências com o governador, deixou o cargo em 1976.

Ao exercer as funções apresentadas, os três bibliófilos adotaram medidas essenciais para o desenvolvimento de algumas instituições, pois realizaram ações como a reorganização e reestruturação de bibliotecas, reedição de obras esgotadas, preservação de patrimônios e organização de festivais de arte, que tiveram grande impacto nas instituições e provocaram o aperfeiçoamento dos serviços oferecidos.

4.6 Participação na literatura brasileira

A literatura brasileira recebeu grandes contribuições de Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes. Os três intelectuais possuíam uma estreita relação com escritores e editores brasileiros e suas colaborações incluem a participação na direção e criação de revistas; publicação de livros, ensaios, artigos; edição de livros; e reuniões literárias. Rubens Borba de Moraes foi um dos criadores e editores das revistas *Klaxon*, *Terra Roxa & Outras Terras* e a *Revista de Antropofagia*. Também foi o responsável pela direção de coleções de livros, como a *Biblioteca Histórica Brasileira*, da Livraria Martins Editora, atual selo Martins da editora Martins Fontes. É autor *do Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros* (1949), do ensaio *Domingo dos Séculos* (1924), da *Bibliographia Brasileira* (1958, publicada originalmente em inglês), *O Bibliófilo Aprendiz* (1965), *Livros e Bibliotecas no Brasil Colonial* (1979). Colaborou com outros autores, como em *O Brasil de Rugendas* e *O Brasil de Debret*, com Sérgio Milltet e Antônio Carlos Villaça; e a *Bibliografia da Imprensa Régia do Rio de Janeiro* (1808-1822), com Ana Maria de Almeida Camargo.

Plínio Doyle colaborou em jornais e revistas, publicando estudos, notas e bibliografias. Em 1964, foi o responsável pela seção *Arquivo Literário* da revista *Leitura*, onde os editores escreveram uma apresentação na qual declaravam que

A história literária do Brasil no século XIX e nos princípios do século XX tem hoje, na mão do ilustre bibliófilo, um preciosíssimo conjunto de informações (especialista em Machado de Assis, a sua Machadiana, por exemplo, é a mais completa existente). [...] tornamos público, portanto, um verdadeiro Arquivo Literário. (LEITURA, 1964 apud RANGEL, 2008, p. 35).

Publicou, no *Jornal de Letras* e na *Revista do livro*, uma série de estudos intitulados *Histórias de revistas e jornais literários*, que deu origem a um livro publicado sob o mesmo título em 1976, editado pela Fundação Casa de Rui Barbosa, e um segundo volume em 1994, intitulado como *Revista Brasileira em várias fases*. Pela editora José Olympia, publicou duas bibliografias: *Iracema* (1965), de José de Alencar, que foi incluída na edição do centenário da obra e *Em memória de JGR*, de Guimarães Rosa (1968). Em 1999, publicou seu livro de memórias, intitulado *Uma vida*.

Uma das maiores contribuições de Doyle foi o Sabadoyle, que consistia em reuniões onde diversos intelectuais e personalidades da época, incluindo presidentes e ministros do Supremo Tribunal Federal, encontravam-se para conversas casuais sobre o cotidiano, novidades literárias, cultura e outros tópicos, exceto política e religião.

O Sabadoyle teve início graças a amizade entre Plínio Doyle e Carlos Drummond de Andrade. Doyle e Drummond se conheceram na década de 50 quando Doyle advogava para a Livraria José Olympio Editora, que editava as obras de Drummond. No final de 1964, Drummond passou a frequentar a residência de Doyle no número 62 da Rua Barão de Jaguaripe, todos os sábados às 15 horas, com a intenção de consultar seus livros e revistas. Ao chegar, Drummond dizia o que queria e permanecia até as 17 horas. Doyle não sabe ao certo quando se deu a primeira visita, no entanto escolheu o Natal como data de início do Sabadoyle, por lembrar-se que foi na véspera do Natal de 1964 que Drummond chegou com a primeira edição de suas obras na coleção Aguilar, com dedicatórias (DOYLE, 1999).

Américo Lacombe, foi o segundo intelectual a frequentar a casa de Doyle aos sábados. Lacombe, amigo de longa data de Doyle e então presidente da Casa de Rui Barbosa, desejava que Drummond escrevesse o prefácio de um volume de uma coleção que seria publicada pela instituição e encontrou Drummond na casa de Doyle.

Os frequentadores eram convidados por Doyle ou por outro participante, entretanto haviam pessoas que se auto convidavam para a reunião (RANGEL, 2008).

Em sua obra *uma vida*, Doyle declara não saber ao certo qual foi o primeiro grupo que se formou ao lado de Drummond, mas recorda-se que Américo Lacombe, Joaquim Inojosa, Peregrino Júnior, Aurélio Buarque de Holanda, Ciro dos Anjos, Luís Viana Filho, Afonso Arinos, Wilson Martins, Raul Bopp, Murilo Araújo, Mário da Silva Britos e mais alguns dos quais não é capaz de se recordar, frequentava o Sabadoyle antes de ser denominado Sabadoyle. Devido ao grande número de integrantes do grupo e a sua

abundante coleção de livros, comprou um imóvel em um prédio na mesma rua, apenas para abrigar seus livros e realizar as reuniões (DOYLE, 1999).

A primeira reunião no novo imóvel foi realizada em 1972, ano em que foi criada a ata semanal, onde eram registrados os acontecimentos do dia. Doyle encomendou ao encadernador Ernesto Berger um volume próprio para as atas (DOYLE, 1999).

As atas fugiam completamente do padrão comum em atas de reuniões em geral. Algumas traziam poemas e ficaram conhecidas como ata-poemas. A respeito das atas, Carlos Drummond de Andrade se manifestou da seguinte maneira

[...] mas porque as atas, se não existe associação? E explica-se: a ata não tem valor documental ou histórico; é apenas um lembrete das horas amenas, em que se esquecem preocupações e tédios, no exercício desta coisa que se vai tornando rara ou impossível na cidade de hoje: a conversa – a pura, simples, fantasista, descompromissada conversa entre amigos e desconhecidos ou mal-conhecidos, que se tornam amigos por força das aproximações aqui estabelecidas. O Sabadoyle afinal é isto; e acaso precisaria ser mais alguma coisa, se já é tanto para o espírito e o coração de todos nós? (ANDRADE, 1974. p. 279-284 apud Rangel, 2008, p. 58).

A primeira ata foi elaborada por Alphonsus de Guimaraens Filho no dia 11 de novembro de 1972 e foi transcrita por Doyle (1999, p. 109-110) no livro *Uma vida*:

LIVRO, VÁ EM FRENTE!

Livro destinado a ser
de presença, necessário
é – somente para ter
o destino de um arquivo.
Porque, no que se refere
aos demais, quem não terá
a melhor das alegrias,
de assiná-lo com o mais vivo
júbilo hebdomadário?
Aqui pensa quem assina,
Quem com gosto assinará:
‘Grande dia, grandes dias
Pretendo viver ainda
nesta casa que agasalha,
vida que ser quer infinda,
entre amigos, junto ao amigo
melhor, que é o nosso Plínio’.
Isto posto, eis o que digo,

não resistindo ao fascínio
de escrever – como se infere –
em tão gostoso ambiente:
– livro, livro, vá em frente!
E a todos reúna, e valha.

De acordo com Rangel (2008, p. 50), as atas eram escritas durante e antes das reuniões, mas nunca depois. Doyle solicitava que as atas fossem redigidas antes da reunião quando se tratavam de comemorações ou homenagens. Inicialmente, as atas representavam o cotidiano, o bate-papo das reuniões, os participantes e agradecimentos à Plínio Doyle (RANGEL, 2008, p. 58).

O nome Sabadoyle foi criado em 6 de abril de 1974, quando Raul Bopp declarou na ata:

SABADOYLISMO

Aos seis dias do mês de abril de 1974, durante a reunião de amigos na Biblioteca de Plínio Doyle, a que denomino de Sabadoyle - por se realizarem habitualmente aos sábados, designado para lavrar a presente ata, faço-a lendo alguns versos de minha autoria, divididos em duas partes, Sabadoyle I e Sabadoyle II, na homenagem que desejo prestar aos colaboradores do já hoje famoso Sabadoylismo literário da Rua Barão de Jaguaripe. (DOYLE, 1999, p. 115-116).

Drummond escreveu uma crônica publicada no *Jornal do Brasil* de 20 de setembro de 1976, que foi a primeira publicação como nome Sabadoyle. Nela foram mencionadas as *atas poemas* e foi feita uma referência ao aniversário de Doyle (DOYLE, 1999).

Após vender sua biblioteca para a Fundação Casa de Rui Barbosa, Doyle mudou-se para o bairro da Lagoa e as reuniões voltaram a acontecer em seu domicílio.

Em 1992, as atas passaram a ter uma nova configuração, homenageando personalidades, fatos e datas do passado e da história literária. A primeira escrita dentro dos novos moldes foi redigida por Oscar Dias Correia, no dia 21 de março, em comemoração ao centenário de nascimento de Menotti Del Picchia. Dentre as homenagens, estão Tiradentes, por Marcelo Santiago Costa; Guimarães Rosa, por Hygia Ferreira; Valdemar Cavalcanti, por Plínio Doyle; Rui Barbosa, por Américo Lacombe; Aníbal Machado, por Maria Clara machado (DOYLE, 1999).

A elaboração das atas culminou com a publicação de obras como *O Natal no Sabadoyle organizado* por Olimpio Jose Garcia Matos, e *História de uma confraria literária*, de Homero Senna.

Em 26 de de 1998, após 34 anos de existência, o Sabadoyle chegou ao fim. Plínio Doyle encerrou as reuniões devido a sua saúde debilitada por conta da idade avançada, pois Doyle já estava com 92 anos.

Assim como Moraes e Doyle, José Mindlin escreveu artigos e publicou livros, contudo, sua maior contribuição para a literatura foi como editor. De acordo com Kikuchi (2004), o primeiro contato de Mindlin com a edição aconteceu aos 14 anos, quando se tornou diretor da revista *Rio Branco*, do Colégio Rio Branco. Além de diretor do periódico, foi o secretário de letras e artes do colégio e coordenava a publicação da revista. Editou seu primeiro livro, *Elegias de Duíno*, de Rainer Maria Rilke, em 1950, em parceria com os amigos Mário da Silva Brito, Oswald de Andrade Filho, Hernani Campos Seabra e a tradutora Dora Ferreira da Silva. Diferente das obras editadas na época, onde poucas editoras se importavam com a estética do livro, o grupo preocupou-se publicar uma edição ilustrada por Oswald de Andrade Filho, com capitulares e um meticuloso projeto gráfico.

Mindlin foi um dos 30 associados que patrocinavam o grupo *O Gráfico Amador*, uma editora artesanal pernambucana fundada por Aloísio Magalhães, Orlando da Costa Ferreira, José Laurenio de Melo e Gastão de Holanda, e que possui grande importância para o design gráfico brasileiro. O grupo dividia-se em dois: mãos limpas, formado por aqueles que escreviam livros ou contribuem de outra forma, e os mãos sujas, que lidavam diretamente com a prensa manual.

Funcionou de 1954 a 1961 e, durante esse período, publicou 27 livros, três volantes, dois boletins e um programa de teatro. Foram editadas obras de nomes como Ariano Suassuna, Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto (MEIRELES, 2014).

Em 1970, participou da edição de *Lito'70*, com texto de Gastão de Holanda, Cecília Jucá e João Câmara; *1ª paca*, de Gastão de Holanda; *Constelações*, de Octavio Paz; e *O rio*, de João Cabral de Melo Neto (KIKUCHI, 2004).

Além de incentivar a edição de obras enquanto Secretário de Cultura, Ciência e Tecnologia (1975-1976), foi o responsável pelo pioneirismo da Metal Leve na área cultural de responsabilidade social. Para comemorar os 25 anos da fundação da empresa, em 1975, José Mindlin propôs uma reedição da *Revista de Antropofagia*. Todos os

números do periódico foram reeditados e a empresa iniciou uma série de patrocínios de edições fac-similares de títulos sobre a história da literatura brasileira do final do século XIX e XX. Os livros eram distribuídos e não comercializados, pois a reedição tinha objetivo acadêmico e cultural (KIKUCHI, 2004).

José Mindlin é o autor dos livros *Uma vida entre livros* (1997), *Destaques da biblioteca indisciplinada de Guita e José Mindlin* (2005), *Cartas da Biblioteca Guita e José Mindlin* (2008), *Reinações de José Mindlin por ele mesmo* (2008), *No mundo dos livros* (2009) e *Destaques da Brasileira de Guita e José Mindlin* (2013).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A bibliofilia é uma prática que tem como consequência a reunião, preservação e conservação de obras de grande valor histórico e cultural. Ao longo dos anos, Plínio Doyle, José Mindlin e Rubens Borba de Moraes tornaram-se bibliófilos muito reconhecidos por sua enorme contribuição para diversas áreas, através da formação de valiosas coleções de grande importância histórica e cultural. Entretanto, a importância dos bibliófilos não se resume apenas a sua coleção, visto que foram importantes intelectuais que se preocupavam com a literatura e a cultura, como demonstrado por Plínio Doyle com ao declarar em seu livro de memórias que após se aposentar do cargo de Procurador da Fazenda Nacional, em 1976, ficou sem obrigação certa, mas, dentro de suas possibilidades, continuou prestando serviços a cultura e a literatura (DOYLE, 1999).

Doyle, Mindlin e Moraes receberam diversos prêmios e condecorações em reconhecimento aos serviços prestados à cultura e literatura. Merece destaque o prêmio UNESCO, na categoria Cultura, recebido por José Mindlin em 2003. Mindlin também foi eleito, em 2006, ocupante da cadeira 29 da Academia Brasileira de Letras, em substituição a Josué Montello, onde ao tomar posse, foi recebido por Alberto da Costa e Silva, que em seu discurso descreveu Mindlin como

Uma personagem paradigmática da cultura brasileira, como um dos grandes nomes de nosso tempo, como aquele que escolhemos para suceder a um outro grandíssimo homem de cultura, alto em nossa admiração, em nosso afeto e, sobretudo, em nossa saudade: Josué Montello.

[...] José Mindlin sucede a um romancista que era, como ele, um servidor dos livros.

[...] São tão diferentes entre si, na altura, na compleição, nos gestos, no andar, na fala e na maneira de sorrir, e, no entanto, um quase se superpõe ao outro, e com ele se confunde, no devotamento à cultura, no amor às criações do espírito e, sobretudo, ao que a alma do homem põe no papel. (SILVA, 2006 apud ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, [20--?]).

Doyle também recebeu diversas condecorações, como a Medalha Peregrino Júnior da União Brasileira de Escritores, em 1994, pelos serviços prestados a cultura; a Medalha Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 1998, pelos serviços prestados à cultura brasileira; e em 1995, recebeu a Medalha Rui Barbosa, da Fundação Casa de Rui Barbosa, por sua valiosa contribuição para a cultura brasileira. Rubens Borba de Moraes foi o vencedor do prêmio Jabuti de 1970, com a obra *Bibliografia Brasileira no Período Colonial*.

São necessários mais estudos sobre o tema para dimensionar o impacto das contribuições dos bibliófilos, contudo, após a análise da trajetória de Doyle, Mindlin e Moraes, que resultou em uma reflexão acerca da importância dos três bibliófilos para além da constituição de uma coleção, tornou-se evidente a existência de uma profunda relação dos três com literatura e a cultura. É perceptível que a atuação dos três bibliófilos resultou em significativas mudanças estruturais e nos serviços prestados por instituições, além do desenvolvimento de diversas áreas, sobretudo para a literatura.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 6024**: informação e documentação: numeração progressiva das seções de um documento escrito: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

_____. **NBR 6027**: informação e documentação: sumário: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6028**: informação e documentação: resumo: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

_____. **NBR 6033**: ordem alfabética. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2011.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. José Mindlin. **Biografia**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/jose-mindlin/biografia>>. Acesso em: 28 set. 2016.

ARAÚJO, Emanuel. **A construção do livro**: princípios da técnica de editoração. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

BÁEZ, Fernando. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas da Suméria à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BARATIN, Marc.; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. 3.ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BATISTA, Aline Herbstrith. **Conceitos e critérios para a qualificação de Obras Raras da Biblioteca de Direito da Universidade Federal de Pelotas**. 2012. 109 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Patrimônio Cultural) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.ufpel.edu.br:8080/handle/123456789/1032>>. Acesso em: 29 set. 2016.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta, 2003.

BENJAMIN, Walter. Desempacotando minha biblioteca. In: **Obras escolhidas II**: Rua de mão única. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 227-235.

BETTENCOURT, Angela Monteiro. ; SOUZA, Rosali Fernandez. A Representação da Informação na Biblioteca Nacional do Brasil: do documento tradicional ao digital.. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATALOGADORES, 9., 2013, Rio de Janeiro ; Encontro Nacional de Catalogadores, 2., 2013, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2013. Disponível em: <<http://www.telescopium.ufscar.br/index.php/eic-enacat/eic-enacat/paper/viewFile/17/30>>. Acesso em: 27 out. 2016.

BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA E JOSÉ MINDLIN. **A Biblioteca Mindlin na USP**. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/node/1>>. Acesso em: 15 out. 2016.

BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE. **História da Biblioteca Mário de Andrade**. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bma/historico/index.php?p=7653>>. Acesso em: 8 out. 2016.

BRAGANÇA, Aníbal et al. **O consumidor de livros de segunda mão**: perfil dos clientes dos sebos. 2005. Disponível em: <<http://escritoriadolivro.com.br/leitura/perfil%20sebo.pdf>>. Acesso em: 14 jul. 2016.

BRITISH MUSEUM. **The Library of Ashurbanipal**. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/research_projects/all_current_projects/ashurbanipal_library_phase_1.aspx>. Acesso em: 24 jul. 2016.

CAVEDON, Neusa Rolita. et al. Consumo, colecionismo e identidade dos bibliófilos: uma etnografia em dois sebos de Porto Alegre. Porto Alegre: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 345-371, jul./dez. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-71832007000200014&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 16 set. 2016.

COSTA, Mustafá Fernando. **Bibliofilia**: a eterna devoção aos livros. 2009. 59 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização)-Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://eprints.rclis.org/16905/1/TCC_Bibliofilia_Fernando%20Mustafa.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2016.

CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DOYLE, Plínio. **Uma vida**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra : Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999.

ECO, Umberto. **Memória Vegetal**: e outros escritos sobre bibliofilia. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FARIA, Maria Isabel; PERICÃO, Maria da Graça. **Dicionário do livro**: da escrita ao livro eletrônico. São Paulo: EDUSP, 2008.

FISCHER, Steven Roger. **História da Leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

FONSECA, Thiago Brigada. **O livro como objeto de coleção**. Dos monges-copistas ao e-book. 2010. 92 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação - Habilitação em Produção Editorial)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://www.pantheon.ufrj.br/handle/11422/490>>. Acesso em: 29 set. 2016.

FRIEIRO, Eduardo. **Os livros nossos amigos**. 4.ed. Belo Horizonte: Coordenadoria de Cultura de Minas Gerais, 1980.

FOLHA DE S. PAULO. **GOOGLE diz que há 130 milhões de livros no mundo**. São Paulo, 10 ago. 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/780239-google-diz-que-ha-130-milhoes-de-livros-no-mundo.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2016.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Coleção Plínio Doyle**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=109&ID_M=309>. Acesso em: 23 ago. 2016.

KIKUCHI, Tereza. **José Mindlin, editor**. São Paulo: Edusp, 2004.

LOPES, José Rogério. Colecionismo e ciclos de vida: uma análise sobre percepção, duração e transitoriedade dos ciclos vitais. **Horiz. antropol.**, Porto Alegre, v. 16, n. 34, p. 377-404, dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 jul. 2016.

MANGUEL, Alberto. **A Biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 301 p.

MARSHALL, Francisco. Epistemologias históricas do colecionismo. **Episteme**, Porto Alegre, n. 20, p. 13-23, jan./jun. 2005.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

MEIRELES, Mauricio. O gráfico amador tem sua trajetória contada em livro. **Jornal O Globo**, [S.l.], set. 2014. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/cultura/livros/o-grafico-amador-tem-sua-trajetoria-contada-em-livro-14037394> . Acesso em: 26 out. 2016.

MINDLIN, José. **Uma vida entre livros**: reencontros com o tempo. São Paulo: EDUSP, 1997.

_____. **No mundo dos livros**. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

_____. Rubens Borba de Moraes: um intelectual incomum. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 79, n. 192, p. 108-111, maio/ago. 1998.

MORAES, Rubens Borba Alves de. **O bibliófilo aprendiz**. 4. ed. Brasília, DF: Briquet de Lemos Livros, 2005.

MURGUIA, Eduardo Ismael. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis, n.esp., p. 87 - 104, 1 sem. 2009. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2009v14nesp1p87/19836>>. Acesso em: 26 set. 2016.

NUNES, Karina da Silva. **Um acervo para chamar de meu**: bibliófilos como preservadores da cultura impressa. 2012. 56 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/69774/000872319.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

OLIVEIRA, José Teixeira de. **A Fascinante História do Livro**. Rio de Janeiro: Cátedra, 1984-1989. 4 v.

PEDRÃO, Gabriela Bazan. ; MURGUIA, Eduardo Ismael. Formação das bibliotecas: uma abordagem desde a perspectiva do colecionismo. **Em Questão**: Revista da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da UFRGS, v. 19, n. 2, 2013. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/36306/31064>>. Acesso em: 27 Set. 2016.

RANGEL, Rosângela Florido. **Sabadoyle**: uma academia literária alternativa? 2008. 147 f. Dissertação (Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais)—Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/2150>>. Acesso em: 15 set. 2016.

REIFSCHNEIDER, Oto Dias Becker. **A bibliofilia no Brasil**. 2011. 303 f., il. Tese (Doutorado em Ciência da Informação)—Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/10744>>. Acesso em: 27 jun. 2016.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O ato colecionador: perspectivas contemporâneas. **Revista ACB**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 185-199, ago. 2015. Disponível em: <<https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/1015>>. Acesso em: 29 set. 2016.

RENAULT, Leonardo Vasconcelos; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. O ato colecionador: uma visão a partir das disciplinas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Ribeirão

Preto, v. 6, n. 1, p. 79-92, apr. 2015. Disponível em:
<<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/76155>>. Acesso em: 27 set. 2016.

RIBEIRO, Sara Mesquita. **Bibliofilia**: a busca por obras raras na atualidade. 2011. 58 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em:
<<http://bdm.unb.br/handle/10483/2126?mode=full>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

ROCHA, Cleimar de Aguiar da. **Possíveis contribuições da bibliofilia para atividades desenvolvidas em bibliotecas públicas**. 2015. 33f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em:
<<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/158487>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

ROUYEYRE, Edouard. **Dos livros**. 1ª reimpressão. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

SANTOS, Cássia dos. Vidas entre livros: Plínio Doyle e José Mindlin. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 34, n.66, p. 143-151, 2016. Disponível em:
<<https://ltp.emnuvens.com.br/ltp/article/view/454>>. Acesso em: 16 set. 2016.

SANTOS, Gilda da Conceição. Machado de Assis no Real Gabinete. **Revista Convergência Lusíada**. n. 25, p. 133-140, jan/jun. 2011. Disponível em:
<<http://www.realgabinete.com.br/revistaconvergencia/pdf/159.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2016.

SANTOS, Josiel Machado. O processo evolutivo das Bibliotecas da Antiguidade ao Renascimento. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 175-189, jul./dez. 2012. Disponível em:
<<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/237/235>>. Acesso em: 24. jul. 2016.

SANTOS, José Henrique Adriano. **Origem e Evolução das Bibliotecas no Ocidente ao Longo do Tempo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Biblioteconomia)-Faculdade de Ciência da Informação da Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em:
<http://bdm.unb.br/bitstream/10483/8619/1/2014_JoseHenriqueAdrianodosSantos.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2016.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Coordenadoria do Sistema Municipal de Bibliotecas. **Histórico das Bibliotecas Públicas da Cidade de São Paulo**. Disponível em:
<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/Historico%20geral%20SMB%20julho%202015_1435682896.pdf>. Acesso em: 8 out. 2016.

_____. Secretaria Municipal de Cultura. **Histórico do Sistema Municipal de Bibliotecas**. Disponível em:
<<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/bibliotecas/historico/index.php?p=72>>. Acesso em: 8 out. 2016.

SENNA, Homero. **O Sabadoyle**: histórias de uma confraria literária. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2000.

SILVA, Fernando. **Critérios de seleção de obras raras adotados em bibliotecas do Distrito Federal**. 2011. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação)- Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/9202>>. Acesso em: 3 jul. 2016.

TUCKER, Spencer. **500 Great Military Leaders**. Santa Barbara, CA: ABC-CLIO, 2014. Disponível em: <<https://goo.gl/6mrt4g>>. Acesso em: 4 jul. 2016.

VIANA, Lilian. Rubens Borba de Moraes e o Departamento de Cultura: novo paradigma às Bibliotecas Públicas brasileiras. **Revista CRB-8 Digital**, São Paulo, v. 4, n. 1, p. 99-110, abr. 2011. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br/index.php/crb8digital/article/view/64>>. Acesso em: 19 set. 2016.

ZAMORA, Rosa Maria Fernández de; LÓPEZ, Héctor Guillermo Alfaro. Reflexiones en torno de la bibliofilia y el patrimonio cultural: el caso de los impresos mexicanos del siglo XV. **Infodiversidad**. Buenos Aires: Sociedad de investigaciones bibliotecológicas, n.11, p. 41-64, 2007. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/277/27701102.pdf> >. Acesso em: 12 jul. 2016.